



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**



**O APAGAMENTO DO PLURAL EM SINTAGMAS NOMINAIS NUMA
COMUNIDADE DE FALA DA CIDADE DE GOIÁS**

Cleuzira Custodia Pereira

Uberlândia

2008

CLEUZIRA CUSTODIA PEREIRA

**O APAGAMENTO DO PLURAL EM SINTAGMAS NOMINAIS NUMA
COMUNIDADE DE FALA DA CIDADE DE GOIÁS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudo sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Tema: Variação e Mudança Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha

Uberlândia

2008

Cleuzira Custodia Pereira

**O APAGAMENTO DO PLURAL EM SINTAGMAS NOMINAIS NUMA
COMUNIDADE DE FALA DA CIDADE DE GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade
Federal de Uberlândia para a obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística
Aplicada

Uberlândia, 17 de outubro de 2008

Banca Examinadora:

Profª Drª Lúcia Mosqueira de Oliveira Vieira

Profª Drª Luísa Helena Borges Finotti

Profª Drª Maura Alves de Freitas Rocha - Presidente

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fortaleceu e não me deixou desanimar, quando tudo parecia tão inatingível.

A toda a minha família, especialmente, à memória de meu pai, que tanto valorizava os estudos; a minha mãe, de quem, provavelmente, herdei a tranquilidade e a certeza de que tudo vai dar certo; e a meus nove irmãos, cunhados e sobrinhos, pela alegria que sentimos em estar sempre juntos.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha, por sua competência e pela segurança que me transmitiu em suas orientações.

Ao Prof. MsC. Leosmar A. Silva, que gentilmente me cedeu os dados de suas entrevistas, para serem usados nesta Dissertação.

À Universidade Federal de Uberlândia, que me proporcionou a oportunidade de estar nesse ambiente intelectual e enriquecedor.

Aos professores do Mestrado em Linguística, pelos conhecimentos transmitidos, especialmente à Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Hernandes Agustini e ao Prof. Dr. Waldenor Barros de Moraes Filho.

Ao Prof. Dr. José Sueli Magalhães e à Prof^a Dr^a Lufisa Helena Borges Finotti, pela significativa contribuição prestada no Exame de Qualificação.

Aos colegas e amigos do Mestrado, pela feliz convivência, que me enriqueceu e me fez crescer.

A Solene e Eneida, pela gentileza com que sempre me atenderam.

Às minhas colegas de trabalho da Unicaldas e da UEG de Caldas Novas, literalmente, companheiras de estrada.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que essa etapa de minha vida fosse cumprida.

Muito obrigada.

Ao meu querido esposo Valter; aos meus filhos Thiago, Túlio e Tadeu; às minhas noras Andrea, Ludimila e Camila e aos meus netos Mirella e Cauã. Sem vocês, nada teria sentido.

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi investigar o apagamento do plural em sintagmas nominais a partir de entrevistas com falantes de uma comunidade de fala da cidade de Goiás, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Lingüística de Labov. As variáveis lingüísticas estudadas foram: saliência fônica, posição dos elementos no sintagma nominal, classe gramatical dos elementos e estrutura sintagmática. As variáveis extralingüísticas foram: escolaridade, sexo e faixa etária. Com base nos trabalhos de Braga (1977) e Scherre (1988), foram estudados os condicionamentos da aplicação da regra de concordância de número de acordo com a norma padrão na fala dessa comunidade, no Português do Brasil. As hipóteses de pesquisa foram confirmadas: os falantes até segunda série fazem menos concordância que os de terceira e quarta séries, embora o grau de escolaridade não tenha sido relevante em todos os cruzamentos feitos; os falantes do sexo feminino preocupam-se mais em fazer a CN que os do sexo masculino; as marcas explícitas de plural ocorrem menos nos dados de forma binária (- saliente), como no plural em *-es* (*mulher-mulheres, pior-piores*) e em *-is* (*real-reais, material-materiais*); a primeira posição da marca de plural favoreceu a retenção do *-s* em todos os cruzamentos feitos. Quanto à classe gramatical dos elementos formadores do SN, em todos os cruzamentos feitos, o artigo foi o que mais recebeu a marca de plural. A estrutura sintagmática de maior ocorrência de plural foi DET N, ou seja, a estrutura formada por um determinante e um substantivo.

Palavras-chave: Sociolingüística; concordância nominal; sintagma nominal; variação lingüística.

ABSTRACT

The aim of this dissertation was to investigate plural absence in Noun Syntagma in interviews with speakers of a community in Goiás city, Brazil, based on theoretical and methodological Labov's Linguistic Variation approaches. Linguistic factors were: phonic prominence, syntagma elements position, syntagma elements grammatical class and syntagma structure. Extra linguistic variables were: schooling, sex and age. Based on works from Braga (1977) and Scherre (1988), the conditions for noun number agreement rules were studied and compared to pattern language in this community in Brazilian Portuguese speaking. The hypothesis were confirmed: speakers who studied till the second degree use less agreement rules than those who studied till fourth degree, although schooling was not relevant in every data crossing; female speakers are more concerned to these rules than male ones; explicit plural marks are less frequent in binary data (-prominent) as in *mulher-mulheres, pior-piores*; the first position have favored -s retention in every data crossing; article was the grammatical class that received more plural marks; and syntagma structure that received more plural marks was that formed by a Determinant and a Noun (DET N)

Key words: Sociolinguistic; noun agreement; noun syntagma; linguistic variation

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição das variantes	58
Gráfico 2 Presença e ausência de CN x escolaridade	59
Gráfico 3 Presença de CN x escolaridade x sexo dos falantes.....	60
Gráfico 4 - Ausência de CN x escolaridade x sexo dos falantes.....	61
Gráfico 5 Presença de concordância x escolaridade x saliência fônica.....	62
Gráfico 6 Ausência de concordância x escolaridade x saliência fônica.....	62
Gráfico 7 Presença de CN x escolaridade x posição linear	65
Gráfico 8 Ausência de CN x escolaridade x posição linear	66
Gráfico 9 Presença de CN x escolaridade x classe gramatical	68
Gráfico 10 Ausência de CN x escolaridade x classe gramatical	68
Gráfico 11 Presença de CN x sexo x saliência fônica	74
Gráfico 12 Ausência de CN x sexo x saliência fônica	75
Gráfico 13 Presença de CN x sexo x posição linear	77
Gráfico 14 Ausência de CN x sexo x posição linear	77
Gráfico 15 Presença de CN x sexo x classe gramatical	79
Gráfico 16 Ausência de CN x sexo x classe gramatical	79
Gráfico 17 Presença de CN x faixa etária x saliência fônica	83
Gráfico 18 Ausência de CN x faixa etária x saliência fônica.....	84
Gráfico 19 Presença de CN x Faixa etária x posição linear	86
Gráfico 20 Ausência de CN x Faixa etária x posição linear	87
Gráfico 21 Presença de CN x faixa etária x classe gramatical.....	88
Gráfico 22 Ausência de CN x faixa etária x classe gramatical.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1 Introdução	15
1.2 A Sociolingüística laboviana	15
1.3 O fenômeno em estudo.....	20
1.3.1 O sintagma nominal.....	20
1.3.2 A estrutura do SN	27
1.3.3 A concordância de número no SN na abordagem da Gramática Tradicional.....	30
1.3.4 Concordância nominal na perspectiva da Sociolingüística Variacionista	34
1.3.4.1 A CN segundo Braga (1977).....	34
1.3.4.2 A CN segundo Scherre (1988).....	38
CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
2.1 Introdução	42
2.2 Objetivos.....	43
2.2.1 Objetivo Geral.....	43
2.2.2 Objetivos Específicos	43
2.2.3. Hipóteses	43
2.3 Histórico da cidade de Goiás	44
2.4 Cenário da pesquisa.....	46
2.5 Apresentação e delimitação do <i>corpus</i>	48
2.5.1 Os informantes e as variáveis sociais	49
2.5.2 Grupos de fatores.....	50
2.5.2.1 Variável dependente	50
2.5.2.2 Grupos de fatores.....	50
2.6 A coleta e a transcrição dos dados.....	54
2.7. Conclusão	55
CAPÍTULO 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	57
3.1 Introdução	57
3.2 Distribuição das variantes	57
3.3 Escolaridade.....	59

3.3.1 Escolaridade x sexo.....	60
3.3.2 Escolaridade x saliência fônica	61
3.3.3 Escolaridade x posição linear	65
3.3.4 Escolaridade x classe gramatical	67
3.3.5 Escolaridade x estrutura do sintagma	70
3.4 Sexo	74
3.4.1 Sexo x faixa etária.....	74
3.4.2 Sexo x saliência fônica	74
3.4.3 Sexo x posição linear	76
3.4.4 Sexo x classe gramatical	78
3.4.5 Sexo x estrutura do sintagma	80
3.5 Faixa etária	83
3.5.1 Faixa etária x saliência fônica	83
3.5.2 Faixa etária x posição linear	86
3.5.3 Faixa etária x classe gramatical	88
3.5.4 Faixa etária x estrutura do sintagma	90
3.6 Saliência fônica	92
3.7 Posição linear.....	93
3.8 Classe gramatical	94
Considerações finais.....	95
Referências Bibliográficas.....	97
Anexos	101
Anexo 1: Tabelas.....	101
Anexo 2 - Parecer da Comissão de Ética	107

INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado à luz da metodologia da Sociolinguística Variacionista, com o intuito de mostrar a variação existente em nossa língua, na formação histórica da atual realidade linguística brasileira.

Há mais de cem anos, os fatos que causaram consideráveis diferenças entre o Português Europeu e o Português do Brasil têm feito com que linguistas trilhem caminhos distintos, em busca de uma teoria sólida sobre a questão. Se, por um lado, alguns estudiosos, mais conservadores, crêem que a diferenciação linguística entre as referidas variedades seja fruto de tendências prefiguradas no sistema linguístico do Português, outros acreditam que ela tenha sido causada pelo contato do idioma lusitano com outras línguas faladas em nosso País, numa situação de transmissão linguística irregular, que não chegou a concretizar-se numa pidgnização e/ou criouliização.

Não obstante a inclinação que se tenha em relação a uma ou outra teoria, é irrefutável o fato de que a diversidade étnica que constituiu a sociedade brasileira desde sua origem certamente se refletiu no âmbito linguístico, visto que houve um contato amplo e profundo entre o Português europeu e as línguas indígenas e africanas.

A variedade popular do Português do Brasil traz marcas dessa língua “mestiça”, adquirida precariamente, difundida pelo território brasileiro nos primeiros séculos de nossa história. Uma das características que marca esse tipo de aquisição é a simplificação da estrutura gramatical da língua-alvo, retirando desta, elementos menos relevantes para a comunicação emergencial. Dessa situação, tem-se uma das justificativas para a perda da morfologia flexional, tanto em estruturas nominais quanto verbais. Daí o interesse no estudo da concordância de número no interior do sintagma nominal.

Esse estudo já foi realizado por alguns autores em diferenciadas regiões e classes sociais do Brasil. Iniciou-se com Braga e Scherre, em 1976, quando analisaram dados de sete informantes, residentes no Rio de Janeiro, de níveis sociais e procedências geográficas distintos, sobre o uso da concordância nominal.

Em 1977, Braga baseou sua Dissertação de Mestrado em dados de falantes de classe média e baixa do Triângulo Mineiro. A seguir, Scherre, em 1978, também para desenvolver sua Dissertação de Mestrado, utilizou dados de dez falantes da área urbana do Rio de Janeiro, pertencentes a diferentes níveis de escolaridade, retomando o tema “concordância nominal”, em 1988 para desenvolver sua Tese de Doutorado. Em 1979, Ponte analisou dados de vinte falantes semi-analfabetos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Nina, em 1980, estudou a fala de vinte analfabetos da micro-região bragantina, Estado do Pará.

Outros autores, além dos acima citados, trabalham ainda com dados de falantes de Brasília, São Paulo, Salvador, Recife e Porto Alegre. A partir dos resultados desses trabalhos, podemos dizer, com Scherre (1994, p. 38), que o fenômeno da variação na concordância no Português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou a uma classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos lingüísticos nos quais a variação ocorre.

Dos trabalhos já realizados, conclui-se, portanto, que o fenômeno da variação de número no Português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação lingüística inerente, tendo em vista que ocorre em contextos lingüísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis.

O fato de os traços lingüísticos supracitados estarem mais presentes na fala popular, advindos do processo de transmissão lingüística irregular, justifica o nosso interesse em estudar uma comunidade de fala do Bairro João Francisco, na cidade de Goiás.

O *corpus* a ser utilizado nesta pesquisa foi gentilmente cedido pelo professor-pesquisador Leosmar Aparecido da Silva e já foi utilizado anteriormente em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Os usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*, defendida em 2005, na Universidade Federal de Goiás.

A comunidade utilizada por Silva (2005) para a obtenção do *corpus* desta pesquisa é localizada no Bairro João Francisco, no Município de Goiás, no interior do Estado de Goiás. Assim, foram realizadas doze entrevistas com os habitantes desta comunidade, gravadas em situações informais, para que se pudessem obter amostras de fala vernácula, descomprometida e espontânea.

As amostras têm duração de, aproximadamente, uma hora e os informantes, homens e mulheres, estão distribuídos por três faixas etárias estabelecidas da seguinte forma:

faixa I = 25 a 35 anos;

faixa II = 36 a 48 anos;

faixa III = acima de 65 anos.

Outras variáveis sociais, além das já citadas, foram consideradas, como nível de escolaridade, sexo e faixa etária.

As hipóteses centrais consideradas nesta pesquisa são:

Os falantes com escolaridade até segunda série fazem menos concordância nominal (CN) que os da terceira e quarta séries.

Os falantes do sexo feminino tendem a fazer mais concordância nominal de número do que os do sexo masculino.

As marcas explícitas de plural ocorrem menos nos dados na forma binária (- saliente), como nos exemplos: *legal-legais, pior-piores*.

A primeira posição da marca de plural favorece a retenção do -s.

O artigo sempre recebe a marca de plural nos sintagmas nominais.

Visando à comprovação de nossas hipóteses, o nosso intento é fazer a análise dos dados colhidos nas entrevistas feitas com doze informantes numa comunidade de fala no Bairro João Francisco da cidade de Goiás.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Introdução

Neste capítulo, serão apresentadas as bases teóricas que orientaram a análise dos dados desta pesquisa. Inicialmente, serão apresentados os pressupostos da Sociolingüística Variacionista. Logo após, será apresentada a visão da Gramática Tradicional a respeito do fenômeno em análise. E, finalmente, será apresentada a noção de sintagma, uma vez que a concordância nominal realiza-se no interior do sintagma nominal.

1.2 A Sociolingüística laboviana

Muito antiga é a constatação de que a língua, ao contrário do que acreditavam as teorias de cunho estruturalista, diversifica-se em seu uso. Também não existe, como defende Chomsky (1965), um falante-ouvinte ideal, que conheceria todas as regras de uma gramática internalizada em sua mente e seria potencialmente capaz de utilizá-la de forma correta nas atividades de fala. Os eventuais desvios cometidos por esse falante seriam devidos a circunstâncias do momento da fala, tais como esquecimentos, nervosismo, bloqueios etc., portanto, formar esse falante-ouvinte ideal seria a principal tarefa da escola.

Entre os ramos de estudo da Lingüística atual, destaca-se a Sociolingüística, que se pode definir como a ciência que estuda a língua na perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade da qual se origina. Para essa ciência, a língua existe em decorrência da interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico. Seu principal postulado é que a condição normal de uma comunidade de fala é a heterogeneidade

estruturada, ou seja, que segue uma espécie de padronização, de tal forma que os desvios em relação à norma culta se repetem na maioria dos falantes de um mesmo grupo social.

Uma vez que se trata de uma ciência, a Sociolinguística tem também um objetivo claramente definido, que é

[...] investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (MOLLICA, 2003, p. 11).

Dessa forma, a Sociolinguística é entendida como um espaço de investigação interdisciplinar que estuda e correlaciona aspectos dos sistemas linguísticos e dos sistemas sociais, focalizando empregos concretos da língua.

A Sociolinguística começou a esboçar-se como ciência a partir dos estudos de Labov (1972), que constataram que é impossível desvincular a língua de sua função sociocomunicativa; como tal, é vista como um organismo vivo, em constante mutação e vinculado à estrutura social da comunidade que a utiliza.

Entre os modelos de análise linguística, o proposto por Labov (1972) é também rotulado de “Sociolinguística Quantitativa”, pois utiliza números e tratamento estatístico dos dados coletados, no sentido de conseguir uma precisão científica mais rigorosa (Tarallo, 2003).

Labov (1972) questiona a dicotomia existente entre os termos Linguística e Sociolinguística, uma vez que, para ele, todo estudo linguístico, necessariamente, tem de levar em conta os aspectos sociais da língua; entretanto, admite o uso do termo Sociolinguística para diferenciar estudos baseados em dados intuitivos (linguísticos) daqueles baseados em dados reais, obtidos por meio de gravações de interações orais ou da recolha de textos escritos (sociolinguísticos).

O autor preconiza a relação e a possibilidade, virtual e real, de investigar e descrever a sistematicidade da variação existente e própria das línguas. A problemática central que se coloca para a teoria da variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou outra das variantes lingüísticas em concorrência (Scherre, 1988). Na verdade, na fala concreta, a operação de uma regra variável é o resultado da atuação simultânea de vários fatores, ou seja, as categorias não são isoladas, pelo contrário, apresentam-se conjugadas. E é por meio de modelos quantitativos que se podem estabelecer correlações entre fatos lingüísticos e socioculturais, o que proporciona uma melhor visão da variação da língua, que é descrita em termos de regras variáveis, às quais se podem atribuir valores probabilísticos (ou pesos relativos) que predizem a ocorrência das variantes independentemente do *corpus* observado.

Uma possível justificativa para a heterogeneidade lingüística reside, por exemplo, no fato de os membros da comunidade de fala serem pessoas de sexos diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, de idades diferentes. Desse modo, é natural que essas diferenças identificadas como sociais ou externas atuem de alguma forma na fala de cada um. Essas diferenças são chamadas de variantes lingüísticas, ou seja, duas ou mais formas diferentes para representar um mesmo significado em um mesmo contexto. Vale ressaltar que o conjunto de variantes lingüísticas recebe o nome de *variável lingüística*, que pode ser influenciada pela idade do falante, por seu sexo/gênero, seu sexo, a classe ou grupo social a que pertence, dentre outros (Tarallo, 2003).

Além de Labov (1972), Weinreich, Labov e Herzog (1968) contribuem para explicitar as bases para a Sociolingüística. Para eles, essa disciplina tem por objeto os padrões de comportamento lingüístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e formaliza-os analiticamente, por meio de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras

variáveis. Esse modelo visa a responder a questão central da mudança lingüística, a partir de dois princípios teóricos fundamentais:

I. O sistema lingüístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural, para desempenhar plenamente as suas funções, rompendo, assim, a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade;

II. Os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala atualizam-se na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento lingüístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 45).

Assim, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolingüística. A expressão “comunidade de fala”, para esse modelo teórico-metodológico, não é entendida como um grupo de pessoas que falam de forma exatamente igual, mas compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (LABOV, 1972).

Dessa forma, existirão freqüentemente formas lingüísticas em variação, isto é, formas que estão em co-ocorrência e em concorrência. Daí, ser a Sociolingüística Variacionista também denominada de Teoria da Variação.

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que uma parte da explicação para a heterogeneidade emergente nos usos lingüísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema lingüístico e não apenas nos fatores internos à língua. Portanto – conforme observou Mollica (1992, p. 14) – “Ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

Desse modo, um estudo sociolingüístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo por objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema lingüístico, possui na realização de uma ou de outra variante.

Ao formalizar esse cenário, a análise sociolingüística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (isto é, sincronicamente) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, diacronicamente).

Oliveira (2006, p. 48), por sua vez, mostra que “[...] conjugando estudos sincrônicos e diacrônicos (de longa e de curta duração), tem-se mais embasamento para uma descrição fiel e segura de uma dada língua”. Todavia, devido ao fato de não ser possível resolver determinados problemas históricos, uma vez que os dados são fragmentados, pode-se utilizar a observação empírica do presente para explicar o passado e do passado para explicar o presente. Essa observação pode ser produtiva, à medida que está baseada no princípio do uniformitarismo (LABOV, 1994), uma condição necessária à reconstrução histórica, assim como o uso do presente é necessário para explicar o passado, dado que as forças e restrições que regem as mudanças numa língua no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças já concluídas. Para esse autor, a análise sociolingüística deve descrever e analisar a variação numa língua, depreendendo a sistematização que lhe é inerente e comparando os resultados das análises com vistas à projeção de possíveis rumos que as variantes tomarão.

1.3 O fenômeno em estudo

Neste trabalho, foi investigada a Concordância Nominal (doravante CN), no que diz respeito ao apagamento das marcas de pluralização nos sintagmas nominais em uma comunidade de fala específica, situada no Bairro João Francisco, na cidade de Goiás.

1.3.1 O sintagma nominal

A palavra sintagma, cunhada por Saussure (1966, p. 170), designa a combinação de formas mínimas em uma unidade lingüística superior. Para Câmara Jr. (1973),

[...] entende-se hoje apenas por sintagma um conjugado binário (duas formas combinadas) em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação com outro elemento, que é DETERMINADO. [...] Tem-se assim: 1) o sintagma lexical, que é uma palavra — primária ou simples ou secundária por derivação ou composição; 2) o sintagma locucional, que é uma locução; 3) o sintagma suboracional, correspondente a uma parte da oração, como — sujeito, predicado, complemento (complexos); 4) o sintagma oracional, que é a oração e onde o determinado é o sujeito e o determinante é o predicado; 5) o sintagma super-oracional, constituído de uma oração subordinada a outra (ex.: *creio que irei*). A análise lingüística resume-se assim na apreensão de sintagmas em ordem decrescente, até ao sintagma da palavra simples e na separação das seqüências que se encontram em cada nível sintagmático (CÂMARA JR., 1973, p. 223).

Assim, a noção básica presente no sintagma é a de hierarquia, que envolve uma noção de subordinação entre um elemento principal ou Determinado (D) e outro subordinado ou determinante (d).

A Gramática Gerativa usa a palavra sintagma para denominar um conjunto de termos que desempenham determinadas funções, tanto no âmbito da oração (sintagma oracional) como no interior da oração (sintagmas nominal, verbal, preposicionado etc.) (Perini, 1995).

Para esta investigação, interessa o sintagma nominal, uma vez que é nele que se processa a concordância nominal.

Perini (1995) parte de uma oração, para chegar aos sintagmas que a compõem. Inicia sua explicação com a oração

(1) Esse professor é um neurótico¹

Analisando-se a oração, percebem-se nela três constituintes: o sujeito (*esse professor*), o núcleo do predicado (*é*); e o complemento do predicado (*um neurótico*). A partir de então, Perini passa a estudar as funções de elementos como *esse*, *professor*, *um* e *neurótico*, que são constituintes do sintagma sujeito e do sintagma complemento do predicado. Perini define o sintagma nominal (SN), como aquele que pode ser sujeito de uma oração. Assim, no exemplo anterior, esse professor é um sintagma nominal, em virtude de sua função como sujeito da oração, da mesma forma que um neurótico também o é, porque, apesar de não ser sujeito no exemplo (1), poderia exercer essa função em outra oração como

(2) Um neurótico rabiscou meus livros².

Quando trata das funções sintáticas no interior do SN, Perini critica a Gramática Tradicional (a partir de agora, GT), por considerá-la excessivamente simplista e inadequada. Assim, em um SN como

¹ Exemplo extraído de Perini, 1995, p. 92

² Exemplo extraído de Perini, 1995, p. 92

(3) Aqueles seus livros de psicologia³

A GT afirma que *livros* seria o núcleo e os demais termos (*aqueles, seus e de psicologia*) exerceriam a função de adjuntos adnominais. Perini continua:

Aqui veremos que essa análise é simples demais para fazer justiça à complexidade dos fatos. Na verdade, cada um dos três "adjuntos adnominais" contidos em (3) tem um comportamento sintático diferente e, portanto, desempenha uma função diferente da de seus companheiros.

É fácil verificar isso investigando as possibilidades de posicionamento de cada um desses termos.

Alguns termos do SN, segundo Perini, ocupam uma posição fixa no sintagma, sendo impossível permutá-los:

- (4) a. Aqueles seus livros de psicologia desapareceram.
 b. * Seus aqueles livros de psicologia desapareceram.
 c. * Aqueles seus de psicologia livros desapareceram.⁴

O autor afirma que o SN tem uma estrutura muito mais rígida do que a oração e demonstra que alguns termos têm uma posição fixa no sintagma e outros permitem a transposição, ainda que limitada, como em (5):

- (5) a. Aqueles seus livros de psicologia desapareceram.⁵
 b. Aqueles livros seus de psicologia desapareceram.
 c.? Aqueles livros de psicologia seus desapareceram⁶.

³ Exemplo extraído de Perini, 1995, p. 93

⁴ O asterisco (*) é utilizado para marcar palavras ou construções inaceitáveis, isto é, rejeitadas como mal formadas pelos falantes da língua (Perini, 1995, p. 40)

⁵ Perini, 1995, p. 93

Apesar de Perini definir de forma genérica o SN como o termo que ocupa a posição de sujeito, a verdade é que ele pode desempenhar também a função de objeto direto, de predicativo, de complemento nominal etc., mas, para os fins desta pesquisa, essa distinção não é pertinente. Para nós, será considerado como SN todo grupo que tiver como núcleo um substantivo.

LEMLE (1984, p. 139) define sintagmas como seqüências significativas formadas por agrupamentos de unidades lexicais. Retomando as idéias de Jackendoff (1977), a autora afirma:

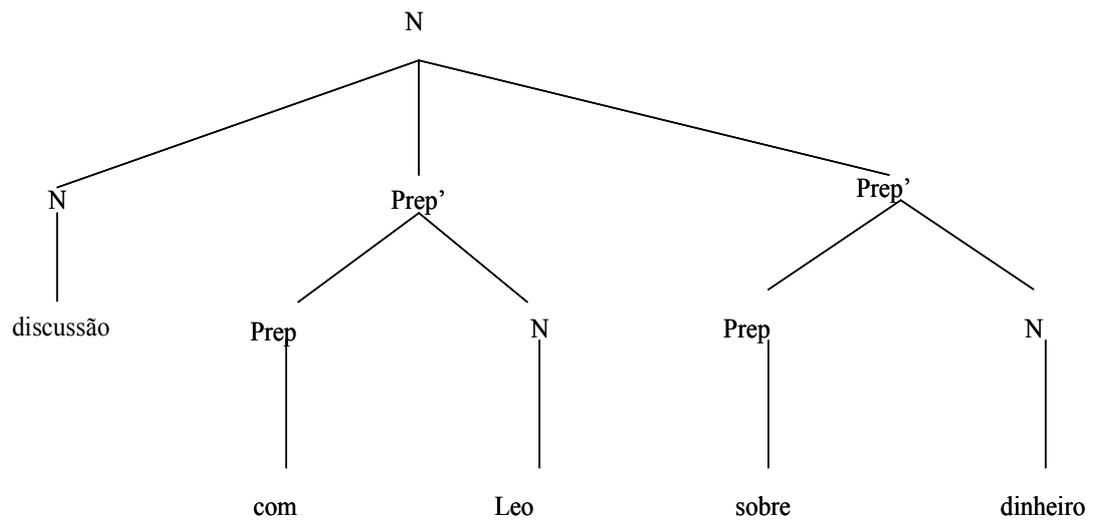
[...] para todas as categorias de núcleo sintagmático, a adunção dos complementos propriamente ditos, aqueles que são semanticamente argumentos lógicos do núcleo do sintagma os ligaria ao núcleo lexical na camada mais interna, formando o primeiro nó sintagmático, representado por uma barra sobreposta ao símbolo categorial, ou equivalente por um apóstrofo à direita desse símbolo. Os modificadores reitivos se ligariam a esse primeiro nível, formando um nó sintagmático mais complexo, representado por duas barras sobrepostas ao símbolo da categoria lexical, ou por dois apóstrofes depois desse símbolo. Os modificadores não reitivos teriam sua ligação feita num nó que domina o nó de duas barras, formando o nó sintagmático maximamente complexo, aquele que recebe como representação gráfica o símbolo da categoria lexical coroadado com três barras ou três apóstrofes (LEMLE, 1984, p. 139) .

Para exemplificar as estruturas da Língua Portuguesa que poderiam exemplificar essas idéias, a autora apresenta o sintagma a seguir:

(6) discussão com Leo sobre o dinheiro⁷

⁶ Perini usa o símbolo $\underline{?}$ como marca de aceitabilidade baixa, mas não tão baixa quanto a sinalizada por * (Perini, 1995, p. 65)

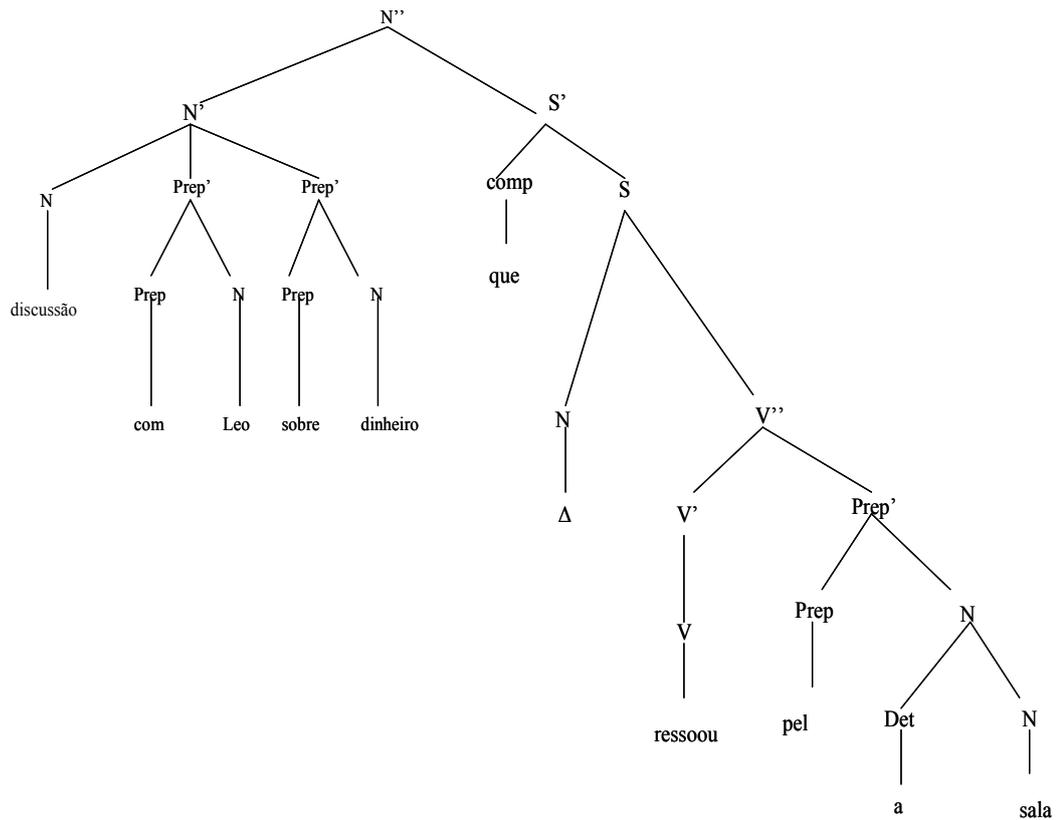
⁷ Exemplo extraído de Lemle, 1984, p. 140. No livro, é o exemplo 226.



O modelo de Jackendoff permite expansões do sintagma, como, por exemplo, quando se modifica o SN para uma oração relativa, alterando-se, por conseguinte, a estrutura sintagmática da frase, como em (7), em que a oração relativa está ligada a N' por meio do nó N''.

(7) discussão com Leo sobre dinheiro que ressoou pela sala⁸

⁸ Lemle, 1984, p. 140. No livro, é o exemplo 227



De acordo com Lemle (1984), na Língua Portuguesa, há casos em que o complemento do nome precede o adjetivo restritivo, mas também há casos em que o adjetivo precede o complemento. Tomem-se, por exemplo, os conjuntos de frases em (8) e (9):

- (8) a. escritor de poemas ocasional⁹
 b. fabricante de calcinhas falido
 c. lavagem de roupas automática
 d. desperdício de divisas injustificado
 e. ingestão de líquido excessiva

⁹ Lemle, 1984, p.143

- (9) a. escritor ocasional de poemas¹⁰
- b. fabricante falido de calcinhas
- c. lavagem automática de roupas
- d. desperdício injustificado de divisas
- e. ingestão excessiva de líquido

Lemle afirma que, para Jackendoff, o complemento nominal, no Inglês, vem ligado ao nome em um nível mais baixo de associação sintagmática que o adjetivo. Entretanto, para ela, essa liberdade de ordem entre complementos nominais e adjetivos, em Português, impede que se possa fazer a mesma afirmação. Até mesmo adjetivos explicativos e orações relativas explicativas podem preceder o complemento nominal em Português, como em 10:

- (10) a) a prova, que todos temiam, do envolvimento do exército¹¹
- b) a aceleração, já agora galopante, da inflação.

A autora menciona, ainda, o problema de haver, em Português, múltiplas possibilidades de análise de uma mesma cadeia de elementos, em decorrência de construções com topicalização, cancelamento ou idiomatização dos sintagmas, de tal forma que a segmentação interna dos sintagmas é maleável e não rígida.

Os modificadores que precedem e os que seguem o núcleo lexical prendem-se a ele um de cada vez, numa estrutura em camadas, sem que se possa encontrar confirmação

¹⁰ Lemle, 1984, p.143

¹¹ Lemle, 1984, p. 144

para a proposta de Jackendoff de que o número de camadas sintagmáticas é sempre três. Ao contrário, o número de camadas parece indefinido, não dois nem três, e sim n . (LEMLE, 1984, p. 147).

Para Lemle, portanto, do ponto de vista da sintaxe, é irrelevante a subdivisão semântica dos adjetivos, em decorrência sua liberdade de colocação na frase. Esta posição da autora é relevante para esta pesquisa, que trata da concordância entre nomes e adjetivos.

1.3.2 A estrutura do SN

Lemle (1984) propõe uma regra de geração do sintagma nominal, que ela chama de R_8 , de acordo com (11):

(11) $R_8: SN \rightarrow Q \text{ Det Adj N Adj SP}^{12}$

em que

$SN \rightarrow$ sintagma nominal

$Q \rightarrow$ Quantificador

$Det \rightarrow$ Determinante

$SP \rightarrow$ Sintagma preposicional

Lemle propõe uma nova Regra de geração do SN, cujo único elemento obrigatório é o núcleo nominal e em que algumas categorias podem ser repetidas. A repetição se marca na regra pelo asterisco:

(12) $R_8: SN \rightarrow (\text{Quant}) (\text{Det}) (\text{Adj})^* \text{ N } (\text{Adj})^* (\text{Sprep})^* (\text{Adj})^* (\text{S})^*$

¹² Lemle, 1984, p. 150

A autora inclui na classe dos determinantes termos chamados tradicionalmente como artigos definidos, demonstrativos e os adjetivos indefinidos *algum, nenhum, certo, cada*. Quantificadores são, por exemplo, todos¹³ e ambos. Os parênteses nos símbolos Quant e Det indicam que a ocorrência do primeiro requer a do segundo. O símbolo Adj indica os tradicionalmente chamados adjetivos possessivos, os adjetivos indefinidos *outro e mesmo*, os numerais cardinais, os indefinidos que indicam quantidade (*muitos, poucos, diversos, numerosos*), os numerais ordinais e os adjetivos qualificativos. Os asteriscos indicam que a categoria pode ser repetida.

SPrep é o sintagma preposicional, formado por uma preposição e um substantivo e S indica o sintagma.

A partir dessa regras o SN pode realizar-se de diferentes maneiras, a partir da reorganização dos elementos que o compõem, nas diversas posições:

(13) SN → N

- a. [...] Deus derruba as tempestades (E4-59a) ¹⁴
- b. [...] funcionário né...os pedreiro...servente tudo (E1-68b)
- c. [...] a gente tem tribulações mesmo entre família (E4-22a)

O SN, nesses exemplos, é constituído apenas por um substantivo, sem nenhum complemento. Em (a), trata-se de um substantivo conhecido tradicionalmente como

¹³ O quantificador todos não será objeto de estudo nesta pesquisa, dado o seu caráter de flutuação no sintagma e na sentença.

¹⁴ Exemplo retirados do *corpus* da pesquisa. Codificação: E8= entrevista nº 8; 46= seqüência das ocorrências na entrevista; a= posição linear no SN

substantivo próprio; em (b) e (c) são substantivos comuns. Observe-se que em (a) e (b) o SN está na posição de sujeito e em (c), na de objeto.

(14) SN → Det N

a.[...] os outro gostava de ver o mal feito (E1-13a)

b.[...] meus pais acolheu a gente (E1-21a)

c. [...] essas músicas de hoje não dão certo prá dança (E6-57a)

Como se percebe, em cada um dos exemplos de (14), é utilizado um tipo de determinante, conforme Lemle (1984).

(15) SN → Det Adj N ou Det N Adj ou Det Adj N Adj

a.[...] eles foram uns ótimo pai (E7-79c)

b.[...] tem uns bezerro bravo (E9-26c)

c.[...] os dois irmão caçula (E6-16b)

Cada frase em (15) exemplifica um tipo de estrutura possível. Saliente-se que Adj pode repetir-se e pode aparecer à esquerda ou à direita de N.

(16) (SN → Ø A N

a. [...] meus menino é muito pequeno (E3-86a)

b.[...] meus irmão trabalhava (E6-7a)

Nesse exemplo, o símbolo \emptyset indica a ausência de Det; meu e meus são Adj e menino e irmão são os núcleos N.

(17) SN \rightarrow Det N SPrep

a.[...]tem umas dorzinha de cabeça (E4-61b)

b.[...]essas festa de São João (E8-91a)

c.[...]já foi dois carro de boi carregando a mudança (E10-19b)

Em (17) (a) e (b), o SN é formado por Det (umas, essas, dois), N (dorzinha, festa, carro) e SPrep (de cabeça, de São João, de boi).

Há inúmeras outras possibilidades de ocorrência dos elementos formadores de SN em diversas posições, mas os exemplos anteriores explicitam, de maneira geral, as estruturas possíveis desse sintagma. Na análise do *corpus*, essa questão será retomada, ao se definirem as categorias de análise.

1.3.3 A concordância de número no SN na abordagem da Gramática Tradicional

Na tradição da Gramática Tradicional, a partir de agora GT, a regra categórica de concordância nominal (CN) preconiza que o artigo, o adjetivo e o numeral devem concordar com o substantivo em gênero e em número (Cunha, 1972). Da mesma forma, os pronomes adjetivos devem seguir essa mesma regra de concordância. Vejamos o que dizem alguns gramáticos. Cunha (1972, p.271) caracteriza da seguinte forma a concordância do adjetivo com o substantivo: “o adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número”, conforme exemplos em (18):

(18) a. Ganhei uma rosa amarela¹⁵..

b. Ganhei rosas amarelas.

c. O menino estava temeroso.

d. Os meninos estavam temerosos

Quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, deve-se considerar o gênero dos substantivos, a função e a posição do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos).

De acordo com a regra geral, quando o adjetivo vem antes dos substantivos, ele concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles, como mostrado em 19:

(19) a. Seguia por silenciosas montanhas e vales

b. Seguia por silenciosos vales e montanhas

Cabe frisar que, mesmo na GT, admitem-se alguns casos de variação, no que concerne à CN, a saber: quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos; se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo pode ir tanto para o singular (concordância mais comum) como para o plural (concordância mais rara), conforme exemplos em (20):

(20) a. Coserei teu paletó e teu blusão rasgado

b. Coserei teu paletó e teu blusão rasgados

¹⁵ As regras de CN e os exemplos de 18 a 25 foram retirados de CUNHA, 1972, p.271-274

Da mesma forma, se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar tanto com o substantivo mais próximo (concordância mais comum) como com os substantivos em conjunto (concordância mais rara), como nos exemplos (21a e b):

(21) a. Vendi um colar e uma pulseira dourada

b. Vendi um colar e uma pulseira dourados

Quando os substantivos são do mesmo gênero, mas de números diversos, o adjetivo concorda com o gênero dos substantivos e pode ir para o plural (concordância mais comum) e/ou para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara), conforme exemplos em (22):

(22) a. A beleza das igrejas e da paisagem baianas atrai os turistas

b. A beleza das igrejas e da paisagem baiana atrai os turistas

Do mesmo modo, se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo vai para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum) e/ou para o masculino plural (concordância mais rara), como mostrado em (23):

(23) a. Rapazes e moças estudiosas saíam da biblioteca.

b. Rapazes e moças estudiosos saíam da biblioteca.

A mesma regra se aplica quando os substantivos são de gêneros e números diferentes; o adjetivo pode ir tanto para o masculino plural (concordância mais comum) como para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural), conforme mostra o exemplo (24):

(24) a. Comprei ternos e gravata escuros.

b. Comprei ternos e gravata escura.

Cunha (1972, p. 274) comenta que as alternâncias acima apresentadas, consideradas possíveis para a GT, acarretam algumas implicações semânticas, uma vez que o escopo do adjetivo é alcançado somente quando a marca de gênero e/ou de número do adjetivo assim o permite. Isso dá margem a mais de uma possível interpretação; a título de exemplificação, temos o exemplo dado por Cunha (1972), que admite a variação como em (25):

(25) a. Rapazes e moças estudiosas saíam da biblioteca

b. Rapazes e moças estudiosos saíam da biblioteca.

A consulta a outras gramáticas mostrou que Bechara (2001) e Rocha Lima (1972) apresentam os mesmos fenômenos contemplados, inclusive a admissão da alternância na formação do plural, discutida por Cunha (1972), diferindo apenas a nomenclatura utilizada em cada gramática, a saber: Bechara e Rocha Lima abordam o fenômeno da CN de acordo com a terminologia *palavra determinada* e seus *determinantes*.

Já Cegalla (1998, p. 402), postula que a concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem.

De forma geral, todos os gramáticos normativos abordam o fenômeno da CN de forma semelhante, uma vez que seguem os parâmetros da N.G.B. — Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1961.

1.3.4 Concordância nominal na perspectiva da Sociolingüística Variacionista

Os estudos sociolingüísticos variacionistas foram introduzidos, no Brasil, por Naro e Lemle (1977), que investigaram o comportamento da regra de concordância verbal. Em seguida, iniciando os estudos acerca da CN, encontramos os trabalhos de Braga (1977), Scherre (1978), Ponte (1979), Nina (1980) e por Scherre (1988) que aprimora seus estudos acerca da regra variável da CN na sua Tese de Doutorado.

1.3.4.1 A CN segundo Braga (1977)

O pioneiro trabalho de Braga (1977) acerca do uso da CN no Brasil foi realizado com falantes do Triângulo Mineiro a respeito da CN, numa comparação com falantes do Rio de Janeiro, para verificar as variações do fenômeno em regiões geográficas diferentes.

Nesta Dissertação de Mestrado nos propomos a mostrar que a concordância de número no sintagma nominal, em Português falado do Brasil, se comporta como regra variável e, paralelamente, a discriminar que fatores lingüísticos e sociais condicionam-lhe a aplicação. Para tal apresentamos os resultados de duas pesquisas. Em ambas estudamos o mesmo fenômeno, utilizamos a mesma metodologia, mas investigamos regiões geográficas diferentes (BRAGA, 1977, p.1).

Na primeira pesquisa apresentada, a amostra utilizada pela autora foi constituída de sete informantes do Rio de Janeiro, de classes sociais, faixas etárias e procedências

geográficas diversas. Os informantes foram classificados em três classes sociais (Alta, Média e Baixa). Após a gravação das entrevistas, foram extraídos os SN em que a marca de plural estava ou deveria estar presente. A autora partiu de observações empíricas de ocorrências lingüísticas e formulou a hipóteses de que

[...] a aplicação da regra de concordância era condicionada pelos fatores seguintes:

- posição que o elemento considerado ocupa no SN;
- grau de saliência fônica na oposição singular/plural;
- natureza fonológica do contexto seguinte;
- categoria morfológica do primeiro elemento do SN;
- grau de formalismo da gravação (BRAGA, 1977, p. 13).

Os principais resultados dessa primeira pesquisa podem ser sumarizados da seguinte forma:

a) Os falantes da classe média alta e da classe média apresentam um comportamento lingüístico semelhante quanto à aplicação da regra de CN, mas os falantes da classe baixa distanciam-se desse comportamento.

b) A posição de SN foi importante na determinação da aplicação da regra pelos falantes. Na classe média alta, a aplicação é categórica e nas classes média e baixa, quase categórica, quando o SN aparece na posição zero e vai diminuindo, à medida que a posição se vai distanciando.

c) Quanto ao grau de saliência fônica na oposição singular/plural, entre os falantes da classe média alta, a aplicação da regra de CN foi categórica; na classe média, quase categórica e, na classe baixa, a regra quase nunca é aplicada.

d) No que diz respeito à natureza fonológica do contexto seguinte, entre os falantes da classe média alta, o contexto fonológico seguinte constituído por vogal tende a favorecer a aplicação da regra de CN, ao passo que o constituído por consoante inibe a aplicação da regra. Nas classes média e baixa, essa variável não exerce influência sobre a aplicação da regra.

d) Com respeito à categoria morfológica do primeiro elemento do SN, os dados sugerem à autora que, na classe média alta, a categoria S (substantivo ou adjetivo) favorece a aplicação da regra de CN, D (artigo ou pronome) parece inibi-la e N (numeral) mostra-se indiferente. Na classe média, essas categorias mostram-se irrelevantes e a classe baixa apresenta um comportamento semelhante ao da classe média alta. A autora salienta que os dados não se mostraram suficientes para proporcionarem certeza em relação a essa conclusão.

e) Finalmente, com respeito ao grau de formalismo da gravação, a autora conclui que os falantes, em situação de comunicação tensa, tendem a aplicar a regra de CN e, em situação distensa, tendem a cancelar a marca de número.

A segunda pesquisa de Braga (1977), realizada no Triângulo Mineiro, contou com sete informantes, todos nascidos e criados na região. O objetivo era verificar se, em uma área distante do Rio de Janeiro, a regra de CN apresentava padrões semelhantes ou diferentes dos encontrados na primeira pesquisa. A autora decidiu eliminar a categoria classe média alta, visto que, no Brasil, seus componentes são reduzidos. Assim, decidiu trabalhar com duas classes, a média e a baixa. Para a distribuição dos informantes por classes, foram considerados critérios como grau de instrução, local de estudo, ocupação e local de moradia. Os graus de instrução definiram-se como primeiro grau e não primeiro grau; o local de estudo definiu-se como escola pública e escola particular; e a ocupação definiu-se como trabalho e estudo simultâneos ou simplesmente estudo. Na definição do local de moradia, foi observado se o informante morava com a família ou com o empregador. A autora manteve algumas hipóteses da pesquisa anterior e introduziu outras duas diferentes. Assim, suas hipóteses foram expressas da seguinte forma:

[...] a aplicação da regra de concordância era condicionada pelos fatores seguintes:

1) presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado;

- 2) natureza fonológica do contexto seguinte;
- 3) posição que o elemento considerado ocupa no SN;
- 4) grau de saliência fônica na oposição singular/plural;
- 5) grau de formalismo da gravação;
- 6) classe social do falante (BRAGA, 1977, p. 32).

Essa segunda pesquisa proporcionou à autora os seguintes resultados:

a) Quanto à presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado, os informantes da classe média tendem a apresentar uma porcentagem mais elevada de aplicação da regra de CN, ao passo que os falantes de classe baixa apresentaram uma porcentagem menos elevada.

b) No que tange à natureza fonológica do contexto seguinte, a pesquisadora teve dificuldade em verificar os dados e optou por amalgamar os resultados relativos ao favorecimento da aplicação da regra de concordância.

c) Quanto à posição que o elemento considerado ocupa no SN, a autora verificou que, em situação tensa, a categoria 0 comporta-se como quase categórica, para falantes da classe média; em seguida, ocorre uma queda da probabilidade na posição 1. Também na classe baixa, ocorre fenômeno semelhante.

d) Em se tratando do grau de saliência fônica, na oposição singular/plural, na classe média, o padrão é sempre menor na situação distensa; já na classe baixa, foi observada uma diferença de padrão nas situações tensa e distensa.

e) Quanto ao grau de formalismo da gravação, os informantes de classe média aplicam mais a regra de CN em situações tensas; a classe baixa não apresenta um padrão regular.

f) Com respeito à classe social do falante, a autora percebeu que, como se esperava, os falantes de classe média tenderam a aplicar mais vezes a regra de CN que os de classe baixa (BRAGA, 1977, p. 32).

1.3.4.2 A CN segundo Scherre (1988)

Outra autora que estudou o fenômeno da CN na perspectiva da Sociolinguística Variacionista foi Scherre (1988), em sua Tese de Doutorado. Sua meta de pesquisa foi analisar a concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do SN em Português. A autora estabeleceu quatro objetivos de pesquisa para a sua tese:

O primeiro foi descrever e explicar um conjunto de variáveis lingüísticas e não lingüísticas que regem a sistematicidade da variação de concordância de número entre os elementos do SN.

O segundo objetivo da pesquisa foi discutir a hipótese funcionalista, para buscar evidências, no âmbito da Gramática Gerativa, de que uma teoria lingüística adequada, de caráter explanatório, deve incorporar também princípios gerais externos, ou seja, não estritamente gramaticais, que influem no uso e na forma da língua.

O terceiro objetivo foi analisar a relação entre variação e mudança lingüística, para verificar se o fenômeno estudado encontra-se no estágio de variação sociolingüística estável, ou se já constitui um processo de mudança lingüística em desenvolvimento. E o quarto objetivo foi verificar se o fenômeno da variação grupal reflete a variação individual, “ou seja, se ela é inerente ou se é apenas fruto de agrupamento de indivíduos com comportamentos lingüísticos diferenciados entre si, mas internamente homogêneos” (SCHERRE, 1988, p. 16).

A autora pesquisou falantes do Rio de Janeiro; seu projeto de pesquisa faz parte de outro maior, o projeto CENSO, fruto de uma parceria com a Faculdade de Letras da UFRJ, UFF e UFJF. A gravação das falas ocorreu em dois momentos diferentes, ou seja, em 1982 e em 1984; a idade dos 64 falantes variou entre 15 e 71 anos. A seleção da amostra foi baseada nos critérios anos de escolarização, sexo e faixa etária.

Quanto aos anos de escolarização, foram constituídos três subgrupos: o primeiro, com os falantes que tinham de um a quatro anos, o que correspondia ao antigo Curso Primário; o segundo, com os falantes que tinham de quatro a oito anos (o antigo ginásial) e o terceiro, com falantes que tinham de nove a onze anos (o antigo Curso Colegial). Quanto à faixa etária, os falantes foram divididos também em três subgrupos: de 15 a 25 anos; de 26 a 49 anos e de 50 anos em diante.

Foram analisados os seguintes fatores que influenciam a formação do plural do SN:

- a) processos morfofonológicos da formação do plural;
- b) tonicidade dos itens lexicais singulares;
- c) número de sílabas dos itens lexicais singulares;
- d) posição linear do elemento do SN;
- e) classe gramatical do elemento nominal;
- f) marcas precedentes ao elemento nominal analisado;
- g) contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise;
- h) função sintática do SN

Os três primeiros itens foram agrupados em uma única variável, a influência do Princípio da Saliência fônica na concordância de número. A autora havia concluído, em uma pesquisa anterior, desenvolvida em conjunto com Braga (1976), que as formas que são mais salientes favorecem mais marcas de plural do que as menos salientes; e que a escala de saliência era mais evidente nos falantes das classes média alta e média do que nos de classe baixa. Esses dados foram, posteriormente, confirmados por Braga (1977), com falantes do Triângulo Mineiro. Scherre, em sua pesquisa de 1978, confirmara também esta hipótese: “os falantes escolarizados evidenciam um comportamento lingüístico regido pelo Princípio da Saliência fônica” (SCHERRE, 1988, p; 68). Nesta última pesquisa, a de 1988, a autora considerou o eixo de saliência fônica sob três dimensões, a saber: (1) processos

morfofonológicos de formação de plural; (2) tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; e (3) número de sílabas dos itens lexicais singulares.

A posição linear, a classe gramatical e as marcas precedentes do SN também foram consideradas de forma agrupada, para explicar o fenômeno da cancelamento ou da inserção do *-s* final como marca de plural.

A variável posição linear caracteriza-se em função do local que o elemento analisado ocupa no SN, no sentido estritamente linear. Após fazer uma revisão de diversos trabalhos realizados a respeito dessa variável, Scherre (1988) afirma:

Todos os pesquisadores envolvidos concluem que a variável Posição é a mais importante de todas, no sentido de exercer uma influência polarizada e uniforme sobre a regra de concordância de número entre os elementos do SN em Português. Além disso, todos eles explicam este condicionamento em função do fenômeno da redundância (SCHERRE, 1988, p.146-147).

Para explicar o que seria esse fenômeno da redundância, a autora retoma as palavras de Biderman (1968, p. 11): “repetição explícita de sinais que não trazem nova informação à já existente” e apresenta uma conclusão que será importante para esta nossa pesquisa:

Considera-se, então, de forma geral, que o mecanismo da concordância não constitui uma necessidade lógica das línguas, pois uma marca formal ou semântica de plural em algum ponto no SN é suficiente para se transmitir a informação desejada [...]. Como se afirma que em Português marca-se preferencialmente a primeira posição, as demais marcas tornam-se desnecessárias (SCHERRE, 1988, p. 147).

Quanto à classe gramatical sobre a variação das marcas de plural, a autora conclui que a primeira posição do SN é a mais marcada, independentemente da classe gramatical, embora o substantivo seja um pouco menos marcado que as demais classes.

Com respeito ao conceito fonológico seguinte ao SN, a autora apresenta as seguintes conclusões:

1) a ausência do efeito da oposição consoante/vogal, não se evidenciando a busca do padrão silábico universal CV;

- 2) a presença de efeito positivo da consoante e negativo da vogal nos itens terminados em –s (mês/meses), devido ao fenômeno da haplogia sintática;
- 3) a influência ligeiramente positiva da pausa nos itens regulares e especialmente forte nos itens terminados em –s;
- 4) a influência bastante fraca dos traços dos segmentos em termos de Papel das cordas vocais, Ponto de articulação e Caixas de ressonância (SCHERRE, 1988, p. 255).

Quanto à influência da função sintática sobre o número de marcas plurais no SN, a autora afirma que a hierarquia estabelecida para as funções sintáticas tradicionais não tem influência significativa e coerente sobre o número de marcas plurais no SN e que “a oposição relevante existente é de natureza funcional” (SCHERRE, 1988, p. 265). A autora salienta, finalmente, também que essa variável é uma das menos relevantes para o fenômeno em estudo.

Os trabalhos de Braga (1977) e Scherre (1988) serão fundamentais para nortear a análise dos dados desta nossa pesquisa, por isso foram detalhados neste capítulo, que apresentou os principais pressupostos teóricos que subsidiarão a análise do *corpus*, a ser feita no capítulo terceiro desta dissertação. No capítulo segundo, que se segue, será apresentada a metodologia utilizada na pesquisa.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Introdução

Neste capítulo, definiremos os aspectos metodológicos que nortearão esta pesquisa. Ele foi dividido em três subseções: após a apresentação dos objetivos da pesquisa, na primeira subseção, será apresentado um breve histórico da cidade de Goiás, onde residem os informantes de nossa pesquisa; na segunda, serão reunidas informações geográficas sobre o cenário da pesquisa; na terceira, a metodologia propriamente dita será descrita, com a apresentação e delimitação do *corpus*, das variáveis sociais, dos grupos de fatores, da coleta, e da transcrição de dados.

Este procedimento filia-se à linha da Teoria Variacionista, seguindo o modelo de Labov (1972). Os dados coletados foram codificados e submetidos ao pacote de programas de análise quantitativa VARBRUL, com o objetivo de organizar a distribuição dos dados.

As variantes lingüísticas analisadas foram: (a) saliência fônica; (b) posição dos elementos no sintagma nominal; (c) classe gramatical dos elementos; (d) estrutura do SN. Como variantes extralingüísticas, foram considerados: idade, nível de escolaridade e sexo. Corroborando os trabalhos de Scherre (1988), pretendemos estudar os condicionamentos da aplicação da regra de concordância de número de acordo com a norma padrão e analisar o comportamento de fala dos informantes.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo Geral

Investigar e analisar o uso da concordância nominal em sintagmas nominais, na fala de informantes de uma comunidade de fala da cidade de Goiás.

2.2.2 Objetivos Específicos

- Investigar se o uso da concordância nominal é freqüente ou não, entre os informantes.
- Investigar se a primeira posição da marca de plural favorece a retenção do *-s*.
- Investigar se o artigo sempre recebe a marca de plural nos sintagmas nominais.
- Verificar a interferência de sexo/gênero no uso da concordância nominal.
- Investigar se a escolaridade influencia no uso da concordância nominal.
- Investigar de que maneira a saliência fônica influencia na concordância nominal.

2.2.3. Hipóteses

As hipóteses centrais consideradas em nossa pesquisa foram:

Os falantes não-escolarizados até segunda série fazem menos concordância nominal (CN) que os da terceira e quarta séries.

Os falantes do sexo feminino tendem a fazer mais concordância nominal de número do que os do sexo masculino.

As marcas explícitas de plural ocorrem menos nos dados na forma binária (- saliente), como nos exemplos: legal-legais, pior-piores.

A primeira posição da marca de plural favorece a retenção do -s.

O artigo em posição inicial sempre recebe a marca de plural nos sintagmas nominais.

2.3 Histórico da cidade de Goiás

Julgamos necessário fazer uma breve descrição da cidade de Goiás, onde foram coletados os dados de análise, por constituir uma comunidade de fala importante para o estado de Goiás e para o Brasil, devido ao fato de ser uma comunidade bastante fechada, em que os falantes lá nasceram ou para lá se mudaram e não tiveram significativas influências externas.

Conforme relatos de Silva (2005), autor do trabalho que utilizou primeiramente o *corpus* desta pesquisa, a cidade de Goiás foi capital da Província de Goiás por, aproximadamente, 206 anos. Ela começou a ser povoada em 1727, quando aconteceu a corrida pelo ouro no interior do Brasil, durante o período colonial.

Os primeiros colonizadores foram paulistas. Dentre eles, destacou-se Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera, a quem é atribuída a fundação do Arraial de Sant'Ana, às margens do rio Vermelho. Com o crescimento da cidade e o interesse pelo ouro, o Arraial foi elevado à categoria de Vila – Vila Boa, e mais tarde, cidade de Goiás.

O desenvolvimento de Goiás fez com que pessoas de vários estados do Brasil e de outros países para lá migrassem. Assim, além da população nativa, conviveram, em Goiás, indígenas, paulistas, mineiros, europeus (portugueses e alemães) e africanos.

Vila Boa foi a segunda produtora de ouro do Brasil, durante a época colonial, e fazia parte da capitania de São Paulo. A intensa produção de ouro fez a coroa portuguesa aumentar

seu interesse pela cidade. Foi então que Goiás tornou-se independente da Capitania de São Paulo, elevando-se à categoria de Capitania.

O território passou, então, a ser denominado Capitania de Goiás, título que conservaria até a Independência do Brasil, quando se tornou província. Durante muito tempo, a população vilaboense conviveu com manifestações culturais variadas: saraus, recitais, festas religiosas e uma intensa produção escrita, jornais e obras literárias em verso e em prosa.

Com o fim do *ciclo do ouro*, no início do século XIX, a capitania de Goiás passou por um período de estagnação econômica e despovoamento, o que contribuiu para a ruralização do povo e da cultura, processo inverso ao que aconteceu com o Rio de Janeiro, por exemplo, que, com a vinda da família real ao Brasil, passou por um processo de urbanização, ou ainda, europeização. O início da agricultura como atividade econômica subsequente à mineração também contribuiu para tornar Goiás um terreno com características rurais.

O contato entre europeus, indígenas e africanos em Goiás se deu nos *tijupares*¹⁶, nas aldeias, nas minas, nas senzalas, durante as festas religiosas e no comércio das vilas que se destacaram durante o período colonial – Vila Boa de Goiás, Meia Ponte (Pirenópolis) e São José do Tocantins. Desse contato, surgiram “os roceiros” que correspondem aos “caipiras” do interior de São Paulo. Conforme Santos (2002), o “roceiro” goiano é, segundo a voz do dominador, uma camada corrompida pela impureza da mistura pluriétnica e, talvez por isso, o acúmulo de preconceitos lingüísticos e sociais se reflete nas variedades rurais. (PALACIN, 1989).

Silva (2005) relata que, em 1933, a capital do estado foi transferida para Goiânia por Pedro Ludovico Teixeira. Com a transferência da capital, a cidade de Goiás ficou estagnada econômica e culturalmente. No final do século XX, porém, um grupo de vilaboenses lutou para conseguir o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, pela singularidade

¹⁶Cabana de índios, menor que a oca.

de sua arquitetura, de seus recursos naturais, de suas tradições, de seu falar, formado a partir da intersecção dos falares dos negros, dos indígenas e dos europeus.

Esse processo de estagnação da cidade e ruralização da vida de seus habitantes é que fez com que os falantes mantivessem um falar singularizado, sem as influências da linguagem urbana e, por isso, despertou o nosso interesse de pesquisa.

2.4 Cenário da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é composto por entrevistas realizadas em uma comunidade de fala do Bairro João Francisco, no município de Goiás (antiga Goiás Velho), localizado na microrregião de Rio Vermelho do estado de Goiás, conforme mapa da Figura 1.

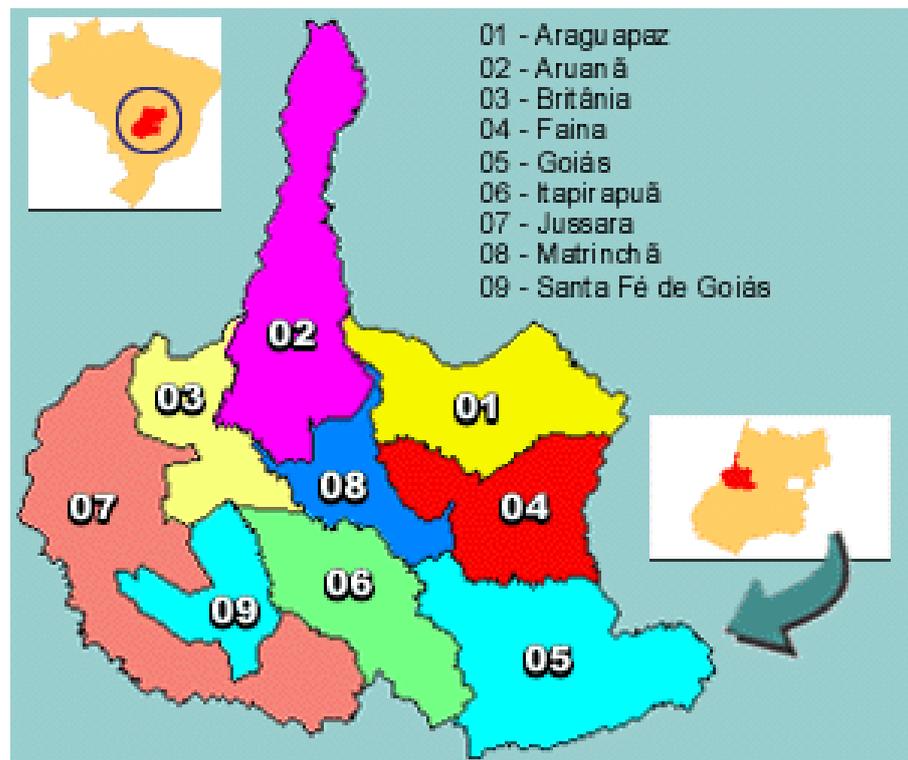


Figura 1 - Mapa da Microrregião de Rio Vermelho de Goiás

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/imagem:goias_micro_riovermelho.svg> Acesso em: 03 jan. 2007.



Figura 2 - Fotografia da Cidade de Goiás

Fonte: http://www.otempo.com.br/otempo/scripts/diminuador.php? pasta=/otempo/fotos/20070805/&arquivo=foto_02082007221901.jpg&w=220> Acesso em 10.09.2007

Goiás localiza-se em terreno bastante acidentado, onde se destacam a Serra Dourada e os morros de São Francisco, Canta Galo, e das Lages. Possui características de clima úmido. O município é cortado pelos rios Vermelho, Uru, do Peixe, Ferreira e Índio.

Possui uma vegetação bastante variada, dividida em regiões de florestas, cerrados e campos. Predomina na população de Goiás a religião Católica, com dezesseis igrejas, seguida pelos evangélicos, com dez templos e os espíritas, com três centros.

Um dos bairros mais antigos da cidade, depois do centro histórico, é o João Francisco. Com a transferência da capital para Goiânia, parte da elite vilaboense também se transferiu. A cidade passou a ter, então, outra constituição social, uma população heterogênea, provavelmente, descendente daqueles primeiros grupos étnicos, formadores da cidade, mas com um mesmo nível socioeconômico e cultural.

O Bairro João Francisco, no passado, era uma região de pessoas socialmente menos favorecidas e, hoje, é uma amostra significativa da sociedade local. SILVA (2005) escolheu esse bairro para fazer suas entrevistas, na cidade de Goiás, uma vez que o Centro Histórico está reservado mais para realização de atividades religiosas, culturais e da vida civil. Tanto o Bairro João Francisco como a cidade em seu todo vivem a atualidade dos tempos globais e a instantaneidade da informação ao lado de uma realidade individual, interiorana, pacata, tradicional e tranqüila.

2.5 Apresentação e delimitação do *corpus*

Comunidade de fala, segundo Labov (1972), é um grupo de falantes que usam as mesmas formas, ou seja, é um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua. E mais, é um grupo de falantes que compartilha um conjunto de atitudes relacionadas à língua (LABOV, 1972, p. 248). Assim, a noção de comunidade de fala está diretamente ligada à atitude do falante e à norma, natural e socialmente construída pelo usuário da língua.

A comunidade de fala investigada nesta pesquisa foi objeto de um estudo anterior, realizado por Silva (2005), que gentilmente nos cedeu todas as doze entrevistas, liberando-nos para que as usássemos neste trabalho. Silva estudou o uso do **até** na fala dos informantes. Essa atitude de Silva foi providencial, porque nos poupou das tarefas de gravar e transcrever

entrevistas, o que em nada prejudicou o caráter científico do trabalho, uma vez que os fenômenos estudados são diferentes.

A escolha da cidade de Goiás como comunidade de fala e do Bairro João Francisco para coleta de dados não foi aleatória, porque a cidade, ao mesmo tempo em que é histórica, está integrada no mundo moderno (ou pós-moderno). A seguir, serão descritos os informantes.

2.5.1 Os informantes e as variáveis sociais

Os informantes são pessoas não escolarizadas ou com escolaridade até a segunda série do atual Ensino Fundamental (antigo Curso Primário), e pessoas com escolaridade de terceira e quarta séries.

Quanto à faixa etária, os doze informantes selecionados foram divididos em três grupos: o primeiro compõe-se de falantes entre 25 e 35 anos; o segundo, entre 36 e 48 anos; e o terceiro é formado por falantes que têm mais de 65 anos de idade.

Segundo Labov (1972), o princípio mais rudimentar para permitir a inferência dos resultados da amostra para a população é o de que a seleção dos falantes seja aleatória. Em vista disso, a amostra pode ser caracterizada como *aleatória estratificada*, já que a população do *corpus* foi dividida em “células” (“casas”, “estratos”) compostas, cada uma, de indivíduos com, basicamente, as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a seleção aleatória.

Para a Sociolinguística Variacionista, é possível falar em dois tipos de variáveis: as internas e as externas ao sistema lingüístico. As internas referem-se às variações de natureza fonológica, morfológica, sintáticas, semânticas, discursivas e lexicais. As externas associam-se a fatores inerentes ao indivíduo, como a etnia e o sexo, e aos fatores sociais, como

escolarização, nível de renda, profissão e classe social. Por isso, os informantes foram classificados conforme descrito nesta seção.

2.5.2 Grupos de fatores

Como variável dependente, estudamos a presença/ausência de marca formal de plural nos sintagmas nominais do Português do Brasil. Os fatores que podem condicionar a presença ou ausência de marca do plural na CN serão explicitados a seguir.

2.5.2.1 Variável dependente

0 – ausência de concordância nominal.

1 – presença de concordância nominal.

Exemplos:

0 [...] passado uns **tempo**... (E2-23 a)

1 [...] se uma **das poucas mulheres**... (E6-10b)

2.5.2.2 Grupos de fatores

1)Escolaridade

b –Até segunda série (Ensino Fundamental)

c – terceira e quarta séries (Ensino Fundamental)

2)Sexo

d – masculino

e – feminino

3) Faixa etária

f – 25 a 35 anos

g – 36 a 48 anos

h – acima de 65 anos

4) Saliência fônica

i – s

j – is

l – eis

m – éus

n – ões, ães, ãos

o – es

p – ns

Exemplos:

i 0 : [...] esses dois **pão** e nem bebe essa Coca Cola (E8-67c)1: [...] esses **gêmeos** aí não... (E1-119a)j 0: [...] com os **material** moiano (E2-4a)1: [...] os **materiais**... o resto tudim (E1-69b)l 0: [...] as coisa tá tão **difícil** (E3-44a)1: [...] espaço para os **fiéis** atravessá (E12-70b)m Não houve ocorrência¹⁷n 0: [...] já tinha as **mão** calejada (E1-56b)1: [...] não tinha muitas **condições** (E8-31b)o 0 : [...] tinha umas **muié** qui falava (E10-155b)1: [...] das quatro **mulheres** (E1-3a)p 0: [...] aqueles **trem** tudo (E9-89b)1 [...] somos quatro **homens** (E1-4b)

¹⁷ A GT apresenta duas regras de formação de plural para palavras que terminam em *-al/-au*, *-el/-éu* e *-ol*, conforme a escrita desses vocábulos. Assim, temos, por exemplo, *canal – canais*, *degrau – degraus*; *normal – normais*; *capiau – capiaus*; *anel – anéis*, *céu – céus*; *fiel – fiéis*, *troféu – troféus*; *anzol – anzóis*, *farol-faróis* e não existe, em Português, nenhuma palavra terminada em *óu*. Acontece que, na linguagem oral, o som é o mesmo e a maioria dos falantes não se dá conta de que a escrita seja diferente, o que faz com que muitas pessoas usem *troféis* e *degrais* como formas plurais, por analogia com as demais palavras.

5) Posição linear

q – posição 1

r – posição 2

s – posição 3

E – posição 4

F – posição 5

Exemplos:

q 0:[...] **minha** irmãs trabalhava de doméstica (E1-32a)1:[...] **meus** dois irmãos mais velhos (E6-15a)r 0:[...] meus **parente** de Goiânia (E6-42b)1:[...] tem algumas **encrenquinhas** de vizinho (E4-113b)s 0:[...] os três **dia** de carnaval (E11-10c)1:[...] tantos irmãos **homens** (E6-11c)E 0:[...] os ombro tudo **esfolado** (E1-108a)1:[...] os meus dois **irmãos** mais velho (E6-15e)F 0:[...] os meus dois irmão **caçula** (E6-63e)1:[...] meus dois irmãos mais **velhos** (E6-15e)

6) Classe gramatical

t – substantivo

u – artigo

v – adjetivo

x – numeral

z – pronome

Exemplos:

t 0:[...] os **candidato** não sabe trabaiaá (E9-114b)1:[...] eu adoro as **pessoas** aqui em casa (E10-87b)u 0:[...] ele tava com **o** sete companheiro no serviço (E1-33a)1:[...] punha **as** coisa tudo daquela lata (E10-27a)

v 0:[...]muitas rezinha **bonita** (E10-142c)

1:[...]eram **pocas** casas (E9-93b)

x 0:[...]das **quatros** mulheres (E1-3b)

1:[...] somos **quatro** homens E1-4b)

z 0:[...]deixava as **ota** meninas (E10-10c)

1:[...]as banana **todas** regaçada (E10-37c)

7) Estrutura do Sintagma Nominal

2 – Det A N

3 – Det N A

4 – Det A N A

5 – Ø A N

6 – Ø N

7 – Det N

8 – Ø N SPrep

9 – Det N SPrep

A – A N

B – Det A A N A

C – Ø A A N

D – Det N A A

G – Det A N SPrep

H – Det [N] A

I – Ø A N A A

J – Ø N A

K – Ø A N A

Exemplos:

2:[...]já comprava **as minhas coisa** (E-7-42a)

3:[...]tinha **umas historinha boba** (E10-121a)

4:[...]tinha **uns quatro amigo meu** (E7-90a)

5:[...] **meus menino** bedeceu muito eu (E9-54a)

- 6:[...]todo mundo aí tinha **condições** (E8-35a)
 7:[...]**as menina** min levô lá no cartório (E12-37a)
 8:[...]encontrava **restos de outras pessoa** (E1-70a)
 9:[...]**as coisa de comida** todinha (e7-45a)
 A:[...]**muitas coisa** eu consigo arrumá (E2-71a)
 B:[...] **os meus dois irmão caçula** (E6-63e)
 C:[...]**meus dois fii** (E7-43a)
 D:[...]ele oiô, sim, **as perninha tudo torta** (E9-126d)
 G:[...]Eu sou **o mais velhos** dos homens(E1-5a)
 H:[...] mulheres...viu que **as enrolada** que ele tinha (E2-34b)
 I:[...] **meus menino muito pequeno** (E3-90a)
 J:[...]são **pessoas deficiente** (E1-82b)
 K:[...]vamo apostá **duas rapadura simples** (E8-68a)

2.6 A coleta e a transcrição dos dados

Como já dissemos, o *corpus* apresentado nesta pesquisa nos foi gentilmente cedido pelo Professor MsC. Leosmar Aparecido da Silva, da Universidade Federal de Goiás, que o utilizou em sua dissertação *Os usos do até na língua falada da cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*, defendida em 2005.

Foram gravadas por Silva (2005), aproximadamente, doze horas de fala, uma hora para cada informante, em inquéritos do tipo DID (diálogos entre informante e documentador), que foram integralmente transcritos.

Os dados foram coletadas por meio de áudio em fita K7, em situações naturais de comunicação lingüística, que seguiram um módulo (ou roteiro) de perguntas comuns a todos os informantes. Tal módulo baseou-se, principalmente, em narrativas de experiências pessoais. Conforme relata Silva (2005),

[...] ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, o informante empreendeu menos controle na fala, presente no início de algumas entrevistas, e envolveu-se emocionalmente com o que estava relatando. As entrevistas tiveram um grau maior de informalidade, o que normalmente não ocorre em entrevistas em situações mais formais de uso da língua (SILVA, 2005, p. 45).

Os módulos de perguntas partiram de dados pessoais do informante: sua história, jogos e brincadeiras da infância, brigas, namoros, encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, saúde, amigos, turmas, serviços públicos, lugares onde morou, crimes, as diferenças percebidas na cidade de Goiás, antes de se tornar Patrimônio Histórico da Humanidade e depois de receber o título, escola e trabalho, interação com outros membros da comunidade.

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa-CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, nos termos da Resolução CNS 196/96 e aprovado em 28 de setembro de 2007 (Protocolo de Pesquisa nº 373/07, anexo 2 desta Dissertação).

Foi percebida, em cada entrevista, a boa disposição dos informantes, que se mostraram alegres e espontâneos em contar suas histórias, felizes por saberem que suas idéias fariam parte de uma pesquisa.

2.7. Conclusão

Neste capítulo, foram apresentados os procedimentos metodológicos que nortearam a proposição dos fatores de variação, com o objetivo de investigar a Concordância Nominal.

É necessário esclarecer ainda que, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão apresentada em Tarallo, Kato *et al.* (1989), a saber:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera (...) ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano (...), decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente (...). (TARALLO, KATO *et al.*, 1989, p. 38-39).

Na próxima seção, os dados serão apresentados e analisados, para verificar se as hipóteses de pesquisa se confirmam ou não.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Introdução

Neste capítulo, os dados serão descritos e analisados, a partir do cruzamento da variável dependente com os grupos de fatores, conforme apresentação feita no capítulo anterior.

O *corpus* foi constituído de 2.491 dados, coletados em doze entrevistas. Os dados foram submetidos a rodadas no Programa Varbrul para análise quantitativa da variável dependente em relação aos grupos de fatores internos e externos.

Para a descrição e análise dos dados, apresentaremos, inicialmente, a distribuição total dos dados em termos de ocorrência/não-ocorrência do fenômeno em estudo e, a seguir, os resultados referentes aos fatores lingüísticos e extralingüísticos.

3.2 Distribuição das variantes

O cruzamento inicial dos dados apresentou a seguinte distribuição das variantes, conforme Gráfico 1¹⁸.

¹⁸ Os dados referentes aos gráficos contidos neste capítulo encontram-se em tabelas no Anexo 1.

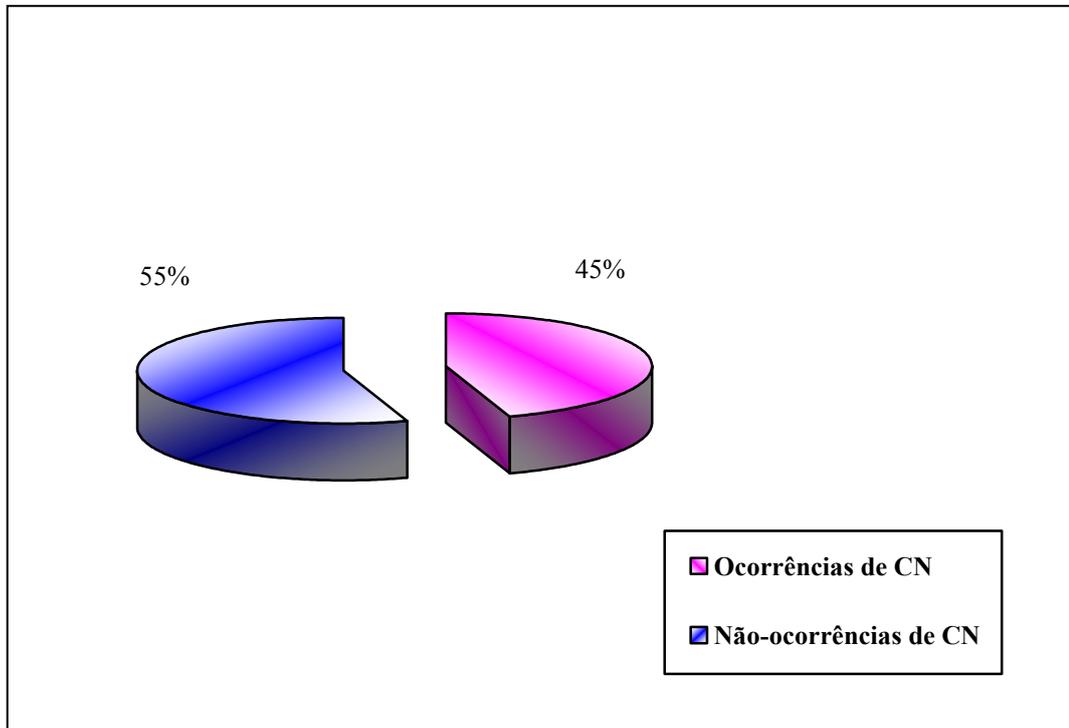


Gráfico 1 Distribuição das variantes

Como se pode perceber, em termos percentuais, as variantes se distribuíram com bastante harmonia, havendo uma diferença de 10% entre as ocorrências e as não ocorrências de CN nas entrevistas realizadas.

3.3 Escolaridade

Inicialmente, entre os fatores extralingüísticos, verifica-se a presença e a ausência de CN em relação à escolaridade dos falantes. O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos resultados.

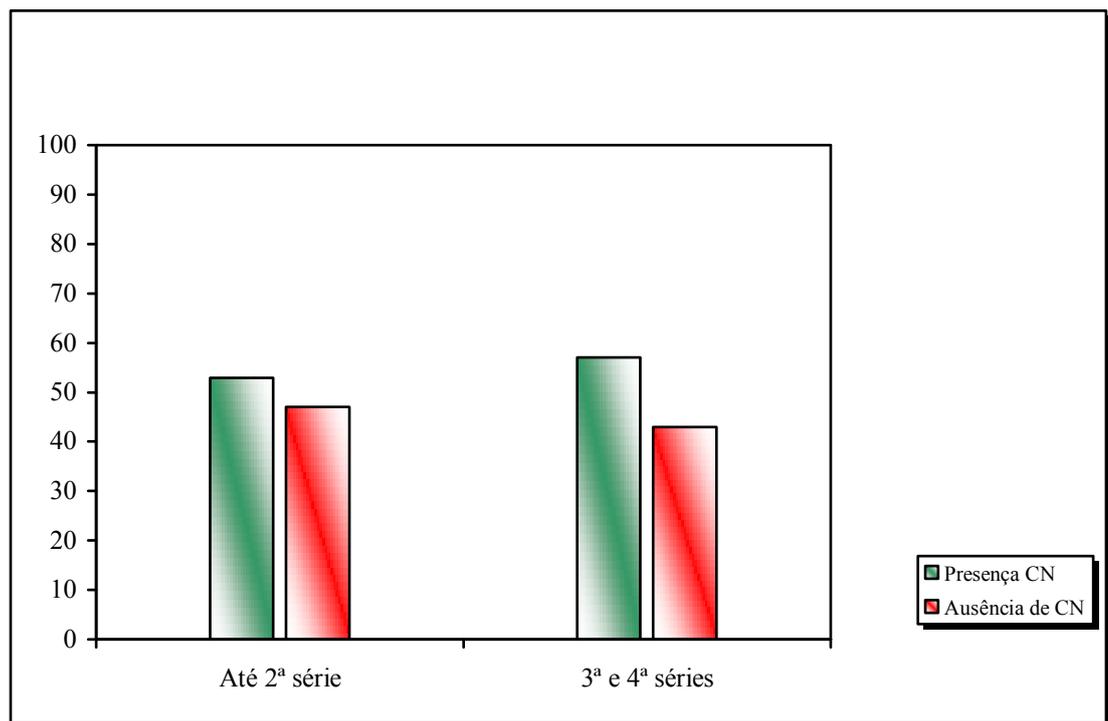


Gráfico 2 Presença e ausência de CN x escolaridade

Pode-se notar que a diferença percentual entre os dados não é significativa, uma vez que a diferença percentual entre falantes com grau de escolaridade até a segunda série e aqueles com escolaridade de terceira e quarta séries é apenas de 5%. Entretanto, quando se observam os falantes com terceira e quarta séries do Ensino Fundamental, tem-se que 57% fazem a CN e 43% não o fazem. Os dados desse gráfico permitem afirmar que o grau de escolaridade não é relevante para o uso da CN. Esses dados tendem a confirmar a primeira

hipótese desta pesquisa, ou seja, a de que os falantes com escolaridade até segunda série fazem menos CN que os da terceira e da quarta séries.

3.3.1 Escolaridade x sexo

O gráfico 3 apresenta os resultados do cruzamento das variáveis escolaridade e sexo dos falantes, no que se refere à presença de CN.

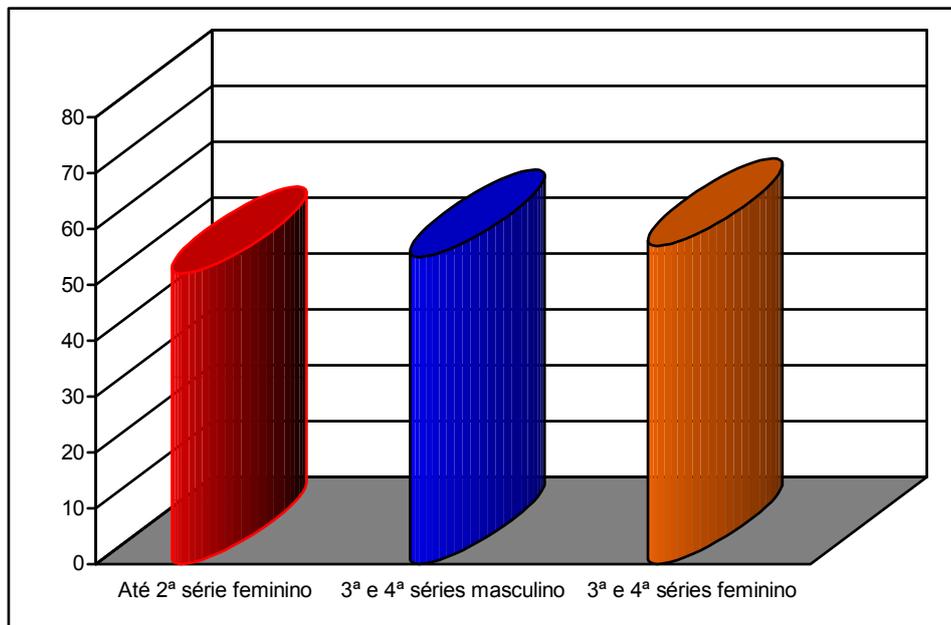


Gráfico 3 Presença de CN x escolaridade x sexo dos falantes

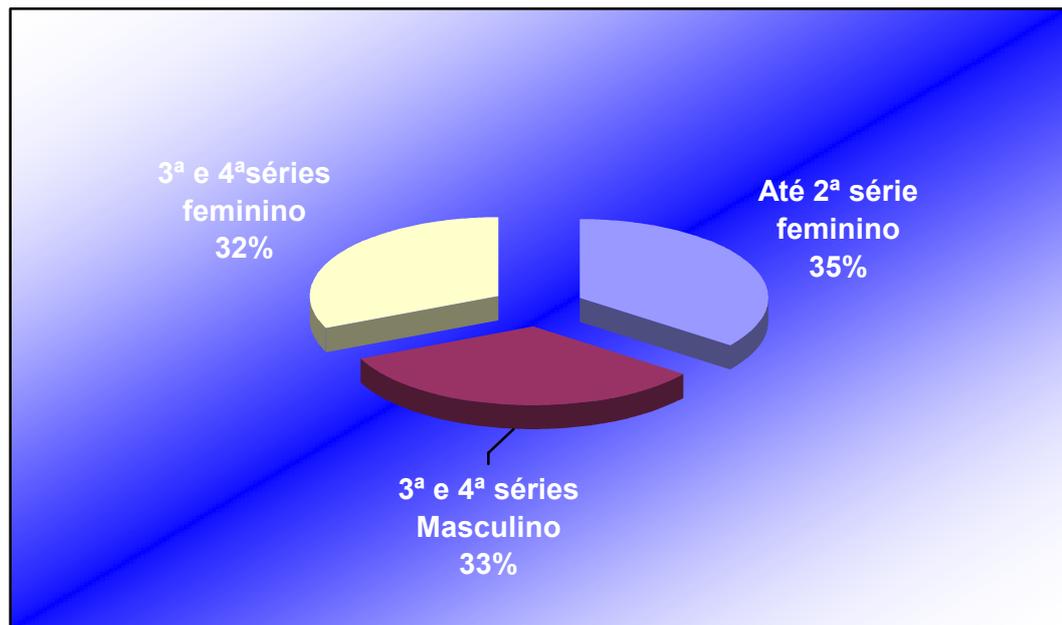


Gráfico 4 - Ausência de CN x escolaridade x sexo dos falantes

Para os falantes do sexo masculino, as diferenças percentuais não foram relevantes. Entre as mulheres com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre as que usaram a CN (52%) e as que não o fizeram (48%) foi de apenas 4%, portanto, não relevante. Entre as mulheres com escolaridade de terceira e de quarta séries, a diferença percentual entre as que usaram a CN (57%) e as que não a usaram (43%) é de (14%), portanto, relevante, ou seja, percebe-se uma preocupação maior com a CN entre as mulheres; isso confirma parcialmente a segunda hipótese desta pesquisa, a de que falantes do sexo feminino usam mais a CN do que não a usam. Trata-se de uma confirmação parcial, dado que a comparação ocorre apenas entre os falantes de quarta série.

3.3.2 Escolaridade x saliência fônica

Na saliência fônica, foram analisados os plurais em *-s*, *-es*, *-ns*, *-ões*, *-ães*, *-ãos* e *-is*. Os gráficos 5 e 6 apresentam, respectivamente, a presença e a ausência de CN em relação à escolaridade dos entrevistados.

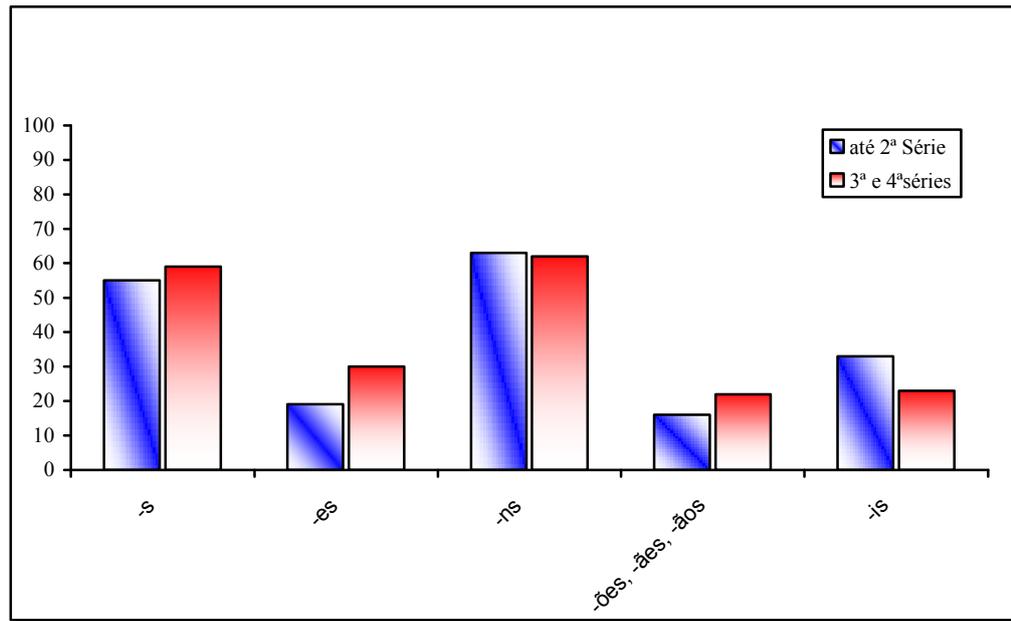


Gráfico 5 Presença de concordância x escolaridade x saliência fônica

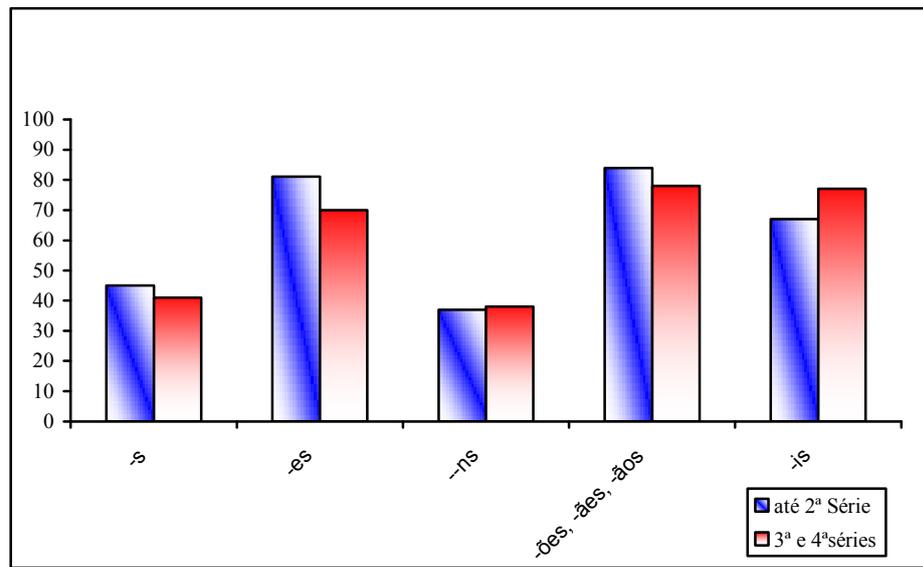


Gráfico 6 Ausência de concordância x escolaridade x saliência fônica

Observa-se, inicialmente, que a concordância ocorre mais em plurais formados por *-s* e *-ns* do que em plurais formados por *-es*, *-ões*, *ãos*, *ães* e *-is*.

Entre todas as regras de formação de plural em Português, a que determina o uso de morfema *-s* é a mais comum, uma vez que esse é o processo natural de formação de plural no

idioma. Nesse caso, a escolaridade tem influência no uso do plural em *-s*, ou seja, quanto maior a escolaridade, maior a presença da CN e vice-versa: entre os entrevistados com escolaridade até a segunda série, o plural em *-s* foi utilizado por 55% dos entrevistados e a porcentagem dos que não o usaram foi de 45%, ou seja, uma diferença percentual de 10%, portanto não relevante. Entre os que cursaram a terceira e a quarta séries, a porcentagem dos que usaram o plural em *-s* foi de 59%, contra 41% dos que não o usaram, apresentando uma diferença de 18%, portanto, relevante. Quando se comparam os dados totais nessa categoria, a diferença percentual entre os que usaram o plural em *-s* (57%) e os que não o fizeram (43%) é significativa (14%).

O plural em *-es* foi a categoria que teve menor frequência. Entre os falantes com escolaridade até segunda série, a porcentagem dos que usaram esse plural foi de 19% e a dos que não usaram foi de 81%, o que confere uma diferença percentual de 62%, altamente relevante. Entre os falantes com escolaridade de terceira e de quarta séries, a diferença percentual entre os que usaram o plural (30%) e os que não o fizeram (70%) foi altamente significativa, ou seja, 40%. Em termos totais, diferença percentual entre os que fizeram o plural em *-es* (23%) e os que não o fizeram (77%) é de 54%, altamente relevante.

Segundo Cunha (1972, p. 192), “como a nasalidade das vogais /e/,/i/,/o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*” (virgens, pudins, tons, atuns) . Assim sendo, para o falante, nada mais é que um caso de plural em *-s* para sons nasais. Seria de se esperar que sua frequência fosse tão alta quanto a do plural simples em *-s*. Nesse cruzamento, nos entrevistados com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre os que usaram o plural em *-ns* (63%) e os que não o usaram (37%) foi de 26%, bastante relevante. Entre os entrevistados com escolaridade de terceira e de quarta séries, a diferença entre os que fizeram a CN (62%) e os que não a fizeram (38%) foi de 24%, também relevante. Como se esperava, os falantes, em sua totalidade, usaram o plural

em *-ns* (62%) bem mais do que deixaram de fazê-lo (38%), dado coerente com o do uso/não uso de plural em *-s*.

Cunha (1972, p. 194) denomina como “plurais vacilantes” aqueles que se referem a algumas palavras terminadas em *-ão*:

[...] para alguns substantivos não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões* [...] A lista desses plurais vacilantes poderia ser acrescida com formas como *charlatões*, *cortesões*, *guardiões* e *sacristãos*, que coexistem com *charlatães*, *cortesãos*, *guardiães* e *sacristães*, as preferidas na língua culta (CUNHA, 1972, p. 194).

Conforme se percebe pelos gráficos 5 e 6, os morfemas *-ões*, *ães*, *ãos* foram pouco utilizados pelos entrevistados. Entre os falantes com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre os que usaram o plural (16%) e os que não o fizeram (84%) foi de 68%, altamente relevante. Dos que têm escolaridade de terceira e de quarta séries, 22% usaram o plural e 78% não o fizeram, o que representa uma diferença percentual de 56%, também significativa. Os números totais mostram que a diferença entre os que usaram o plural (20%) e os que não o fizeram (80%) foi relevante, ou seja, 60%.

Quanto ao plural em *-is*, nos entrevistados com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre os que usaram a CN (33%) e os que não o fizeram (67%) foi de 34%, altamente significativa. Nos falantes com terceira e quarta séries, a diferença percentual entre os que usaram a CN (23%) e os que não o fizeram (77%) foi de 54%, também significativa. Quando se comparam os dados totais, a diferença percentual entre os que usaram o plural (26%) e os que não o usaram (74%) foi de 48%, muito significativa.

Observando-se os dois gráficos, percebe-se que a escolaridade mostra-se como um fator não relevante para o uso da concordância, uma vez que o emprego de cada forma de plural apresenta-se, em termos percentuais, bastante próximo nos dois níveis investigados.

3.3.3 Escolaridade x posição linear

Nesta categoria, foram analisadas cinco posições do vocábulo na sentença, numeradas de 1 a 5. A posição 1 significa que o plural foi feito apenas na primeira palavra da frase; a posição 2 indica que a marca de plural aconteceu na segunda palavra e assim por diante. Os gráficos 7 e 8 apresentam, respectivamente, a presença e a ausência de CN em relação à escolaridade e à posição linear.

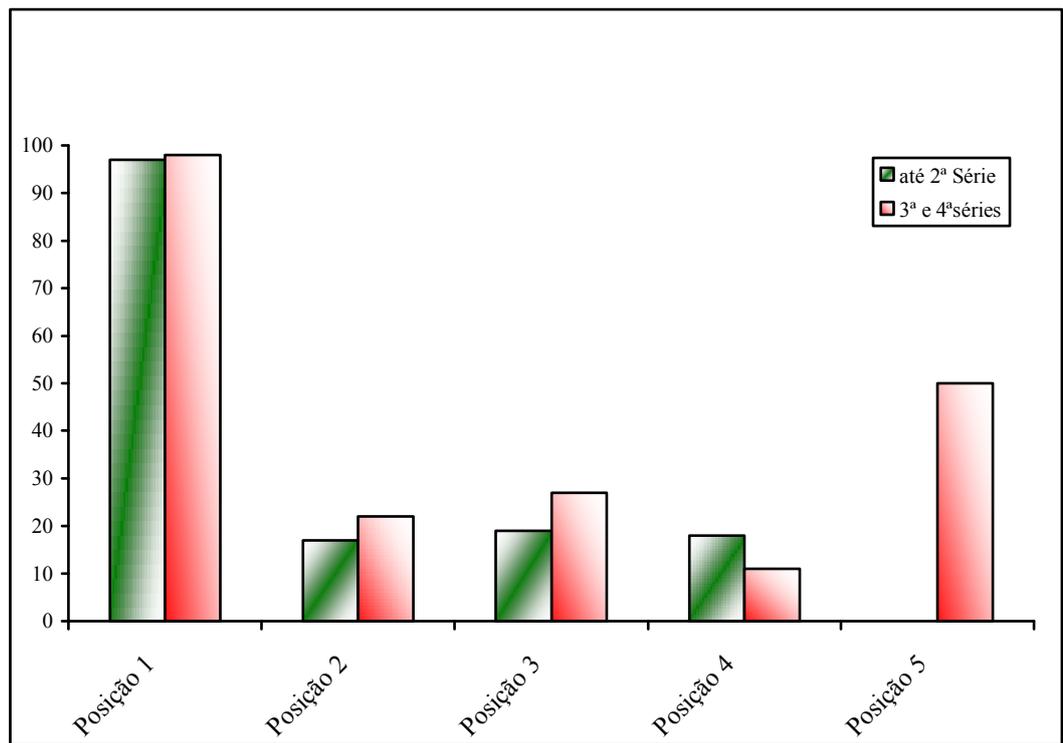


Gráfico 7 Presença de CN x escolaridade x posição linear

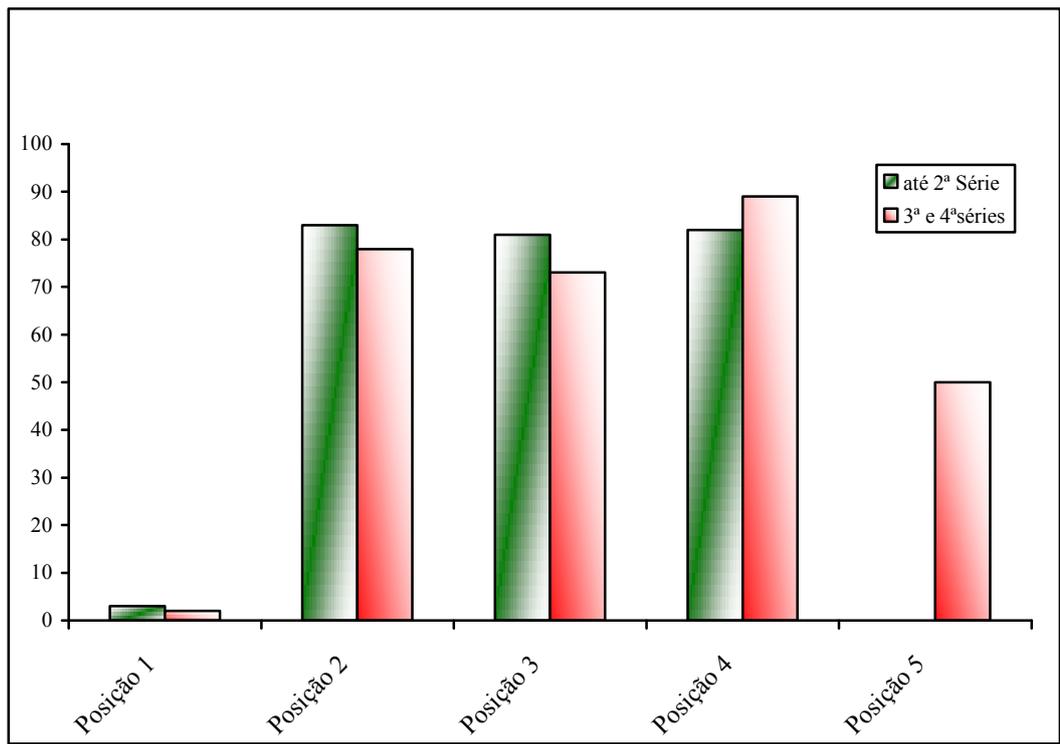


Gráfico 8 Ausência de CN x escolaridade x posição linear

Os gráficos 7 e 8 permitem verificar que a posição 1 foi a mais significativa quanto ao uso de CN e que a escolaridade não teve influência sobre a categoria. Já a posição 5 foi a menos significativa em relação ao uso da CN.

O plural feito em palavras na posição 2 foi bem menos freqüente que na posição 1. Um comentário a ser feito a respeito dessa posição 2 é que, em todos os casos, aconteceu o plural nessa posição e também na posição 1, ou seja, a segunda posição é pluralizada em consequência da primeira.

Se na segunda posição o plural foi menos freqüente, na terceira, a ocorrência foi menor ainda, porque ocorreu muito mais ausência de CN do que a presença. Nos falantes com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre os que usaram a CN (19%) e os que não o fizeram (81%) foi de 62%, portanto, altamente significativa, ou seja, nesta posição linear, a tendência foi de não fazer a concordância. Nos falantes com escolaridade de terceira

e quarta séries, a diferença percentual foi um pouco menor (46%) entre os que usaram a CN (27%) e os que não a usaram (73%). Ainda assim, é uma diferença altamente relevante.

Para as posições 4, predominou a ausência de CN sobre a presença e, na posição 5, não houve ocorrência de CN entre os falantes com escolaridade até segunda série, ou seja, só houve ausência de CN.

Esses resultados confirmam a hipótese desta pesquisa, de que a primeira posição da marca de plural favorece a retenção do -s.

3.3.4 Escolaridade x classe gramatical

Como se trata de um trabalho sobre concordância nominal, as classes gramaticais consideradas foram o artigo, o substantivo, o numeral, o adjetivo e o pronome. Os gráficos 9 e 10 apresentam, respectivamente, o cruzamento da presença e da ausência de CN com a escolaridade com a classe gramatical.

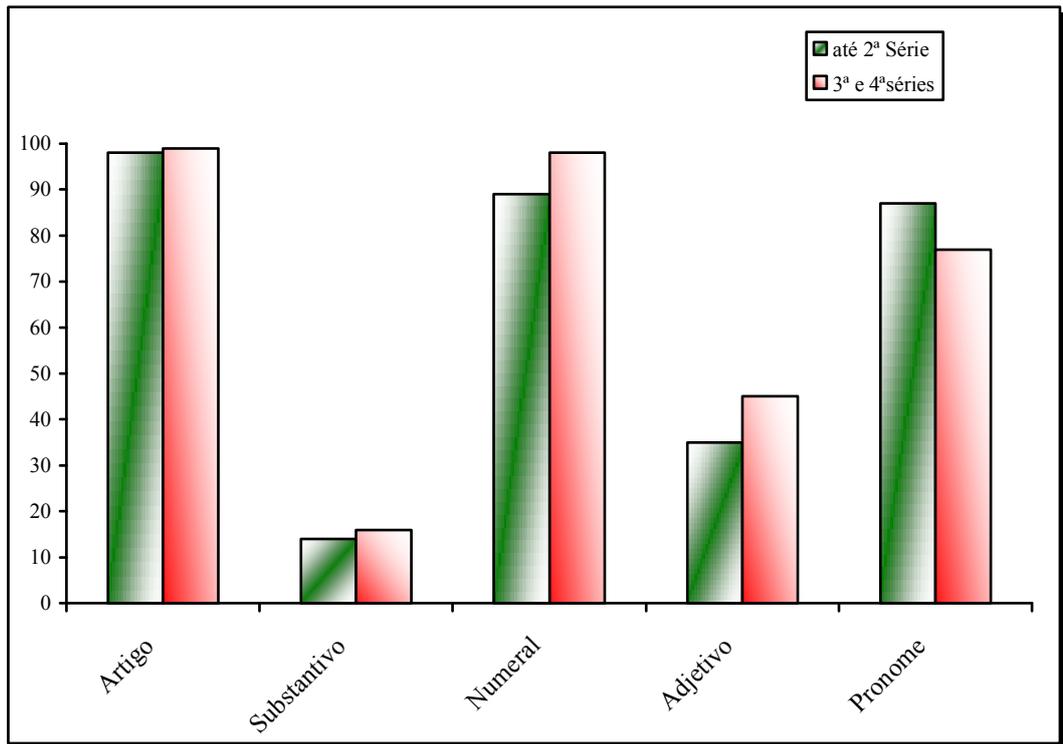


Gráfico 9 Presença de CN x escolaridade x classe gramatical

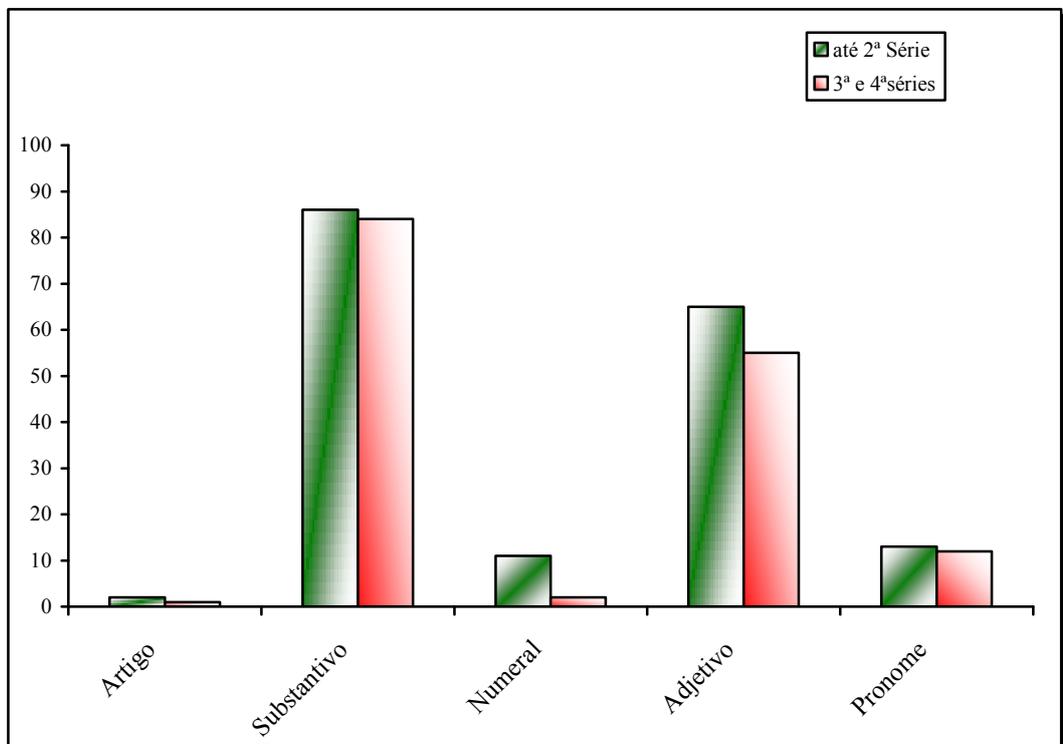


Gráfico 10 Ausência de CN x escolaridade x classe gramatical

Os gráficos evidenciam que a marca de plural se dá mais no artigo, no numeral e no pronome, em detrimento do substantivo e do adjetivo. Esses dados estão de acordo com a afirmação de Tarallo (2003, p. 37) de que “a retenção do <s> pode estar condicionada à posição da variável no SN, isto é, no determinante [...] posição geralmente preenchida pelo artigo”. A escolaridade não teve influência nessa categoria.

A quinta hipótese desta pesquisa, de que o artigo sempre recebe a marca de plural nos sintagmas nominais, foi confirmada pelos dados, uma vez que, nos falantes com escolaridade até segunda série, a presença da CN (98%) foi substancialmente mais alta que a ausência (2%), uma diferença percentual de 96%. Entre os que cursaram terceira e quarta séries, houve um resultado semelhante: a diferença percentual foi de 98% (99% de presença, 1% de ausência).

O substantivo é o núcleo do sintagma nominal (SN), mas a marca de plural incide sobre ele apenas quando ocupa a primeira posição. A diferença percentual entre os que marcaram o plural nessa classe (14%) e os que não o fizeram (86%) foi de 72%, altamente relevante.

A colocação da marca de plural no numeral não é aceita na norma culta, mas acontece às vezes na linguagem popular oral (Ex.: [...] das **quatros** mulheres –E1-3b), o que parece configurar um caso de hipercorreção.

A colocação da marca de plural no adjetivo teve a menor ocorrência no *corpus* (65% de ausência nos falantes com escolaridade até segunda série e 55% de ausência nos que cursaram até a terceira e quarta séries) e, quando apareceu, foi como reiteração da marca de plural, ou seja, foi o uso previsto pela norma culta.

Segundo a GT (Cunha, 1972, p. 314), a classe dos pronomes admite a flexão de número/pessoa e não segue os padrões da flexão nominal, exceto no caso dos pronomes demonstrativos e possessivos, que admitem a flexão de gênero e número, além da flexão de

número e pessoa, dos pronomes pessoais ele/ela e dos pronomes relativos o (as,os, as) qual e quanto. No entanto, na linguagem coloquial oral, são comuns plurais nos pronomes que, quando iniciam a frase, como em “**ques** menino levado”, provavelmente, pelo fato de essa palavra ocupar a primeira posição na frase.

Embora a pluralização no pronome não tenha sido o dado mais freqüente, quando apareceu, houve mais presença de CN (87%) do que ausência (13%), entre os falantes com escolaridade até segunda série. Também nos entrevistados com escolaridade de terceira e quarta série, a diferença percentual manteve-se relevante (74%). Também para essa categoria, o nível de escolaridade não foi relevante.

3.3.5 Escolaridade x estrutura do sintagma

Como, no sintagma, a noção predominante é a de hierarquia, no SN, a posição de determinante é sempre a primeira e sobre ela recai a marca de pluralização. Conforme explicitado no capítulo segundo desta pesquisa, existem dezessete diferentes estruturas de SN a serem analisadas. A tabela 1 apresenta os dados referentes a elas. Os valores colocados são a freqüência (f = totalidade das ocorrências)

Tabela 1 - Escolaridade e estrutura do sintagma

	Não escolarizados até 2ª série				3ª e 4ª séries				Total
	Presença		Ausência		Presença		Ausência		
	f	%	f	%	f	%	f	%	
(7) DET N	419	54	361	46	443	57	339	43	1562
(2) DET A N	63	62	39	38	59	67	29	33	190
(5) Ø A N	50	56	39	44	36	59	25	41	150
(9) DET N SPREP	34	55	24	45	44	58	32	42	138
(3) DET N A	48	37	82	63	36	43	48	57	214
(A) A N	24	71	10	29	28	56	22	44	84
(4)Det A N A	-	0	-	-	6	50	6	50	12
(6)Ø N	5	83	1	17	4	67	2	33	12
(8) Ø N SPrep	2	67	1	33	4	67	2	33	9
(B)Det A A N A	0	0	0	0	8	80	2	20	10
(C)Ø A A N	2	67	1	33	4	67	2	33	9
(D)Det N A A	15	38	24	62	10	48	11	52	60
(G)Det A N Sprep	3	75	1	25	3	50	3	50	10
(H)Det [N] A	2	50	2	50	1	50	1	50	6
(I)Ø A N A A	3	75	1	25	2	50	2	50	8
(J)Ø N A	11	79	3	21	0	0	0	0	14
(K)Ø A N A	0	0	0	0	2	67	1	33	3

Na categoria DET N, as abreviações significam que o SN é formado por um determinante (DET) seguido de um núcleo (N), normalmente, substantivo. Essa foi a categoria em que houve maior ocorrência de CN (1562 ocorrências em 2491 dados). A tabela mostra que, nos falantes com escolaridade de terceira e quarta séries, houve mais presença (57%) do que ausência de CN (43%), o que confere uma diferença percentual de 14%, portanto, relevante, ao contrário do que ocorreu nos falantes com escolaridade até segunda série: neles, a diferença percentual foi irrelevante. Ou seja, nessa estrutura, a escolaridade teve influência no uso da CN.

A estrutura sintagmática Det A N significa que o SN é formado por um determinante (Det) mais um adjetivo (A) e mais um núcleo (N). Essa categoria foi a segunda em ocorrência no *corpus*. Entre os falantes com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre os que fizeram a CN nessa estrutura sintagmática (62%) e os que não a fizeram (38%), foi de 24%, altamente relevante, ou seja, os entrevistados tenderam a usar a marca de pluralização.

Nos falantes com escolaridade de terceira e quarta séries, a diferença percentual foi ainda maior (34%). Ou seja, entre esses entrevistados, a tendência maior foi a de usar a CN (67%) do que a de não o fazer (33%).

Na estrutura sintagmática Ø A N, as abreviações significam que não há determinante (Ø) e, sim, um adjetivo (A) e um núcleo (N). Apenas entre os falantes com escolaridade de terceira e quarta séries, a diferença percentual foi significativa (18%). Ou seja, a tendência maior foi a de usar a CN (59%) do que a de não o fazer (41%).

A estrutura sintagmática Det N Sprep significa que o SN é formado por um determinante (Det), um núcleo (N) seguido de um sintagma preposicional (Sprep). Apenas entre os falantes com escolaridade de terceira e quarta séries, a diferença percentual foi relevante, ou seja, de 16%. Assim, a tendência maior foi a de usar a CN (68%) do que a de não o fazer (42%).

A estrutura sintagmática Det N A significa que o SN é formado por um determinante (Det) mais um núcleo (N) e um adjetivo (A). Essa foi uma categoria em que a ausência de CN predominou sobre a presença. Entre os falantes com escolaridade até segunda série, a diferença percentual entre os que não fizeram a CN (63%) e os que a fizeram (37%) é de 26%, portanto, significativa. Também nos falantes com escolaridade de terceira e quarta séries, predominou a ausência de CN (57%) sobre a presença (43%), com uma diferença percentual de 14%, relevante. As demais estruturas sintagmáticas tiveram frequência muito baixa.

Observando-se todos esses dados referentes à escolaridade, percebe-se que, na maioria dos casos, ela se mostrou como um fator não relevante para o uso da CN, uma vez que o emprego de cada forma de plural apresenta-se, em termos percentuais, bastante próximo nos dois níveis investigados.

Esses dados não coincidem com os resultados encontrados por Scherre (1988, p. 87), que mostraram ser significativa a escolaridade. É provável que isso tenha ocorrido devido ao

fato de que, em sua tese, os níveis de escolaridade estudados foram os antigos Primário (quatro anos), Ginásial (oito anos) e Colegial (onze anos) e, neste nosso trabalho, a diferença entre esses graus de escolaridade foi mínima, de apenas dois anos.

Nesta seção, foi analisado o cruzamento entre os grupos de fatores escolaridade e todos os demais. Na próxima, será feita a análise do cruzamento dos dados da variante sexo com todos os fatores citados.

3.4 Sexo

Nesta seção, entre os fatores extralingüísticos, será verificada a presença ou a ausência de CN em relação ao sexo dos falantes. Como nessa categoria a diferença percentual foi irrelevante, de apenas 10%, não foi feito o gráfico.

3.4.1 Sexo x faixa etária

Neste cruzamento, a única diferença percentual significativa (20%) ocorreu entre os falantes do sexo feminino com idade entre 36 e 48 anos. Nos demais casos, a diferença foi pequena, o que leva à conclusão de que o sexo não teve influência nem entre os falantes mais jovens nem entre os mais velhos.

3.4.2 Sexo x saliência fônica

Os gráficos 11 e 12 apresentam, respectivamente, os resultados do cruzamento entre presença e ausência de CN, sexo e saliência fônica.

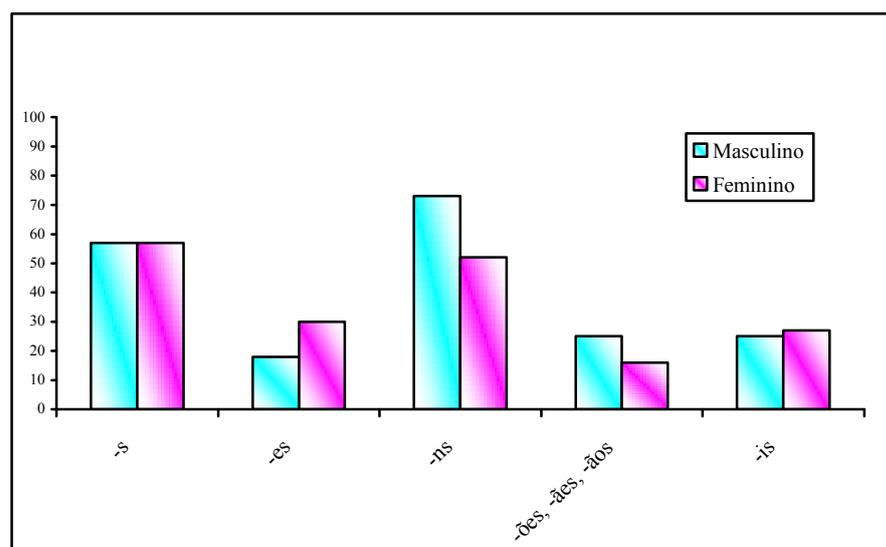


Gráfico 11 Presença de CN x sexo x saliência fônica

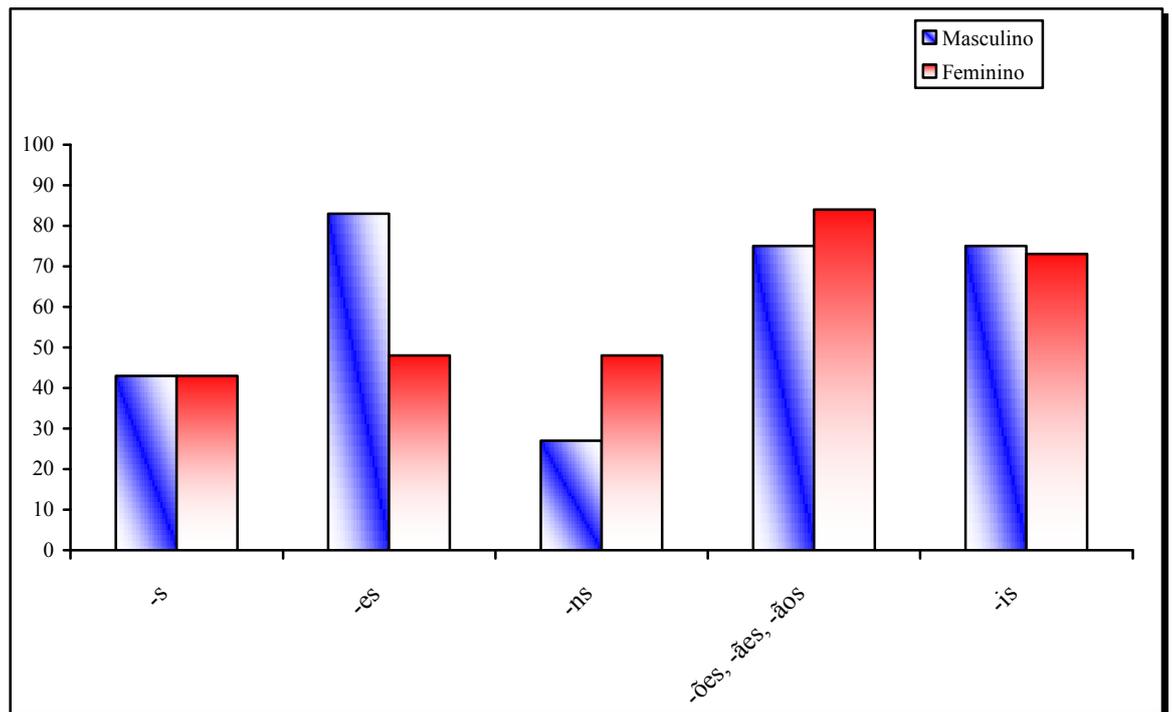


Gráfico 12 Ausência de CN x sexo x saliência fônica

Os gráficos 11 e 12 mostram que, quanto à presença de CN, a única diferença relevante está no plural em *-ns*. Em segundo lugar, ocorreu o plural em *-s*. Nos outros tipos de plural, predomina a ausência de CN.

Quanto ao plural em *-es*, nos informantes masculinos, a porcentagem dos que usaram o plural foi de 18% e a dos que não o usaram foi de 82%, com uma diferença percentual de 64%, altamente relevante. Nos entrevistados femininos, a diferença percentual entre os que usaram o plural (30%) e os que não o fizeram (70%) foi altamente significativa, ou seja, 40%.

No que diz respeito ao plural em *-ns*, nos entrevistados masculinos, a diferença percentual entre os que usaram o plural (73%) e os que não o usaram (27%) foi de 46%, bastante relevante. Entre os do sexo feminino, a diferença entre os que usaram o plural em *-ns* (52%) e os que não o fizeram (48%) foi de 4%, portanto, irrelevante. Em termos totais, os falantes usaram o plural em *-ns* (62%) bem mais do que deixaram de fazê-lo (38%), dado coerente com o do uso/não uso de plural em *-s*.

Os morfemas *-ões, ães, ãos* foram pouco utilizados pelos entrevistados. Nos informantes do sexo masculino, a diferença percentual entre os que usaram o plural (25%) e os que não o fizeram (75%) foi de 50%, altamente relevante. Ou seja, os homens deixaram de fazer a CN em maior número. No sexo feminino, 16% usaram o plural e 84% não o fizeram, o que confere uma diferença percentual de 68%, altamente significativa.

No que diz respeito ao plural em *-is*, nos entrevistados do sexo masculino, a diferença percentual entre os que usaram o plural em *-is* (25%) e os que não o fizeram (75%) foi de 50%, altamente significativa. Nos entrevistados femininos, a diferença percentual entre os que fizeram o plural em *-is* (27%) e os que não o fizeram (73%) foi de 46%, também significativa.

3.4.3 Sexo x posição linear

Nesta categoria, foram analisadas cinco posições do vocábulo na sentença, numeradas de 1 a 5. A posição 1 significa que o plural foi feito apenas na primeira palavra da frase; a posição 2 indica que a marca de plural aconteceu na segunda palavra e assim por diante. Os gráficos 14 e 15 apresentam, respectivamente, os resultados do cruzamento de presença e ausência de CN com sexo e com posição linear.

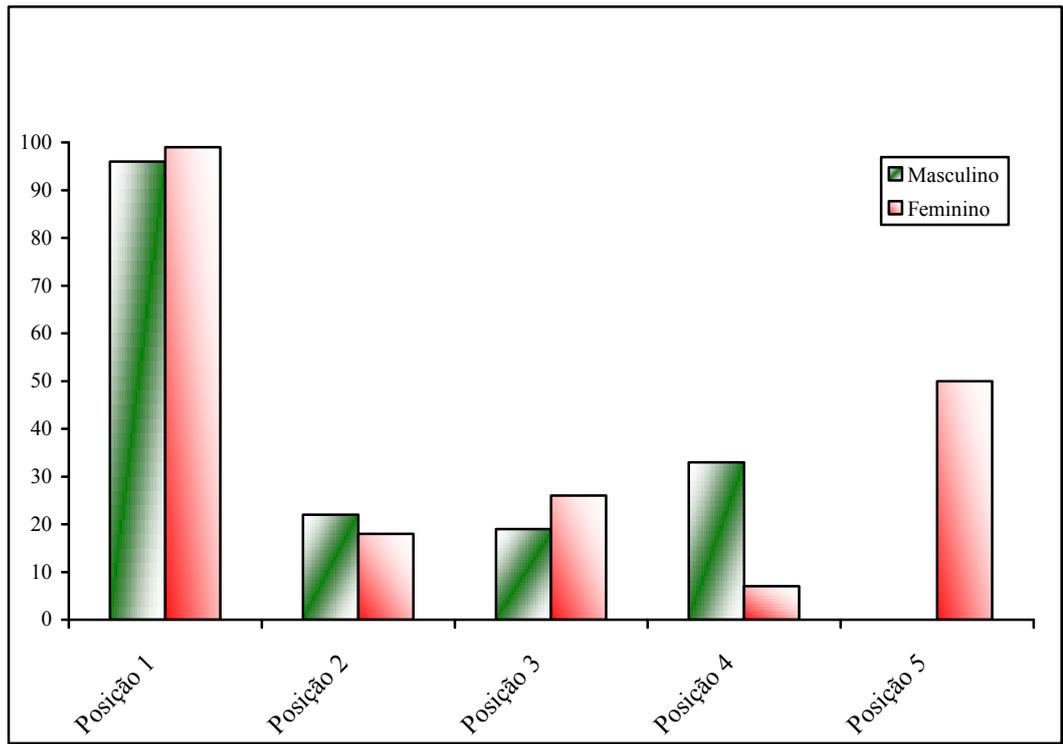


Gráfico 13 Presença de CN x sexo x posição linear

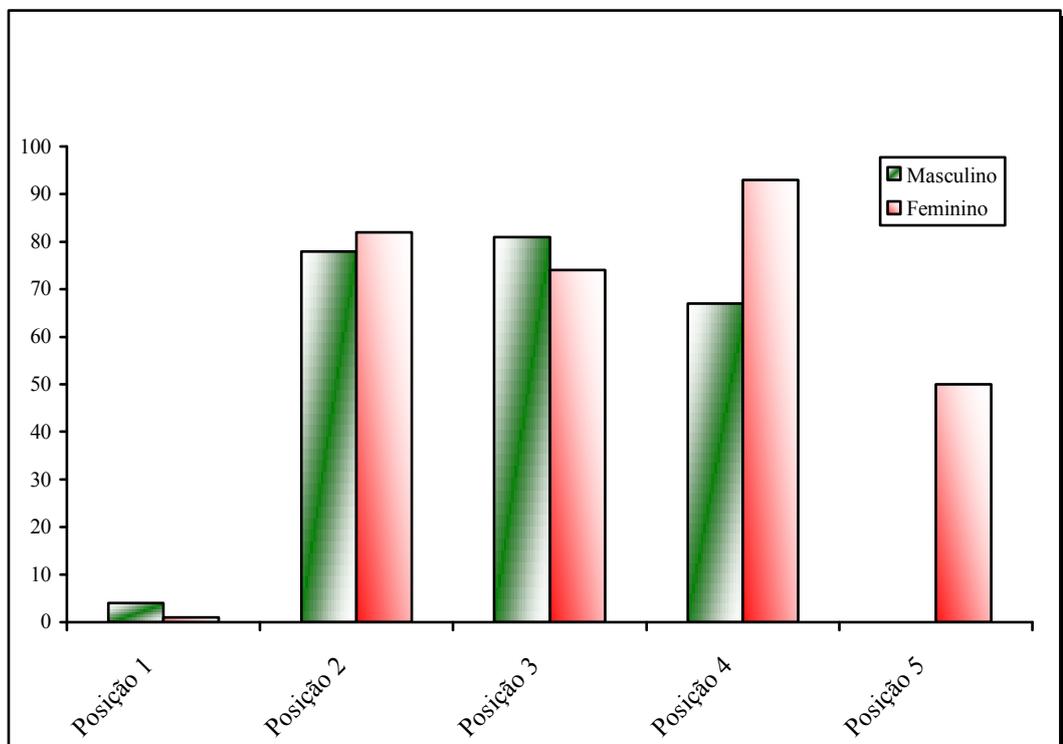


Gráfico 14 Ausência de CN x sexo x posição linear

Os gráficos 13 e 14 permitem verificar que a posição 1 foi a mais significativa quanto ao uso de CN. Nos falantes masculinos e femininos, a diferença percentual entre os que fizeram a concordância e os que não fizeram foi altamente significativa, ou seja, mais de 90%.

O plural feito em palavras na posição 2 foi bem menos freqüente que na posição 1. Quando a palavra está na posição 2, é flagrante a ausência de concordância ou de marcas de plural.

Se na segunda posição o plural foi menos freqüente, na terceira, a ocorrência foi menor ainda, uma vez que houve muito mais ausência de CN do que presença. Nos falantes do sexo masculino, a diferença percentual entre os que usaram a CN (19%) e os que não o fizeram (81%) foi de 62%, portanto, altamente significativa, ou seja, nesta posição linear, a tendência foi de não fazer a concordância. Nos entrevistados femininos, a diferença percentual foi ligeiramente maior (48%) entre os que usaram a CN (26%) e os que não a usaram (74%). Ainda assim, é uma diferença altamente relevante.

Para a posição 4, a freqüência foi muito baixa e, na posição 5, não houve ocorrência de CN entre os falantes masculinos.

3.4.4 Sexo x classe gramatical

Os gráficos 15 e 16 apresentam, respectivamente, os resultados da presença e ausência de CN com sexo e com classe gramatical.

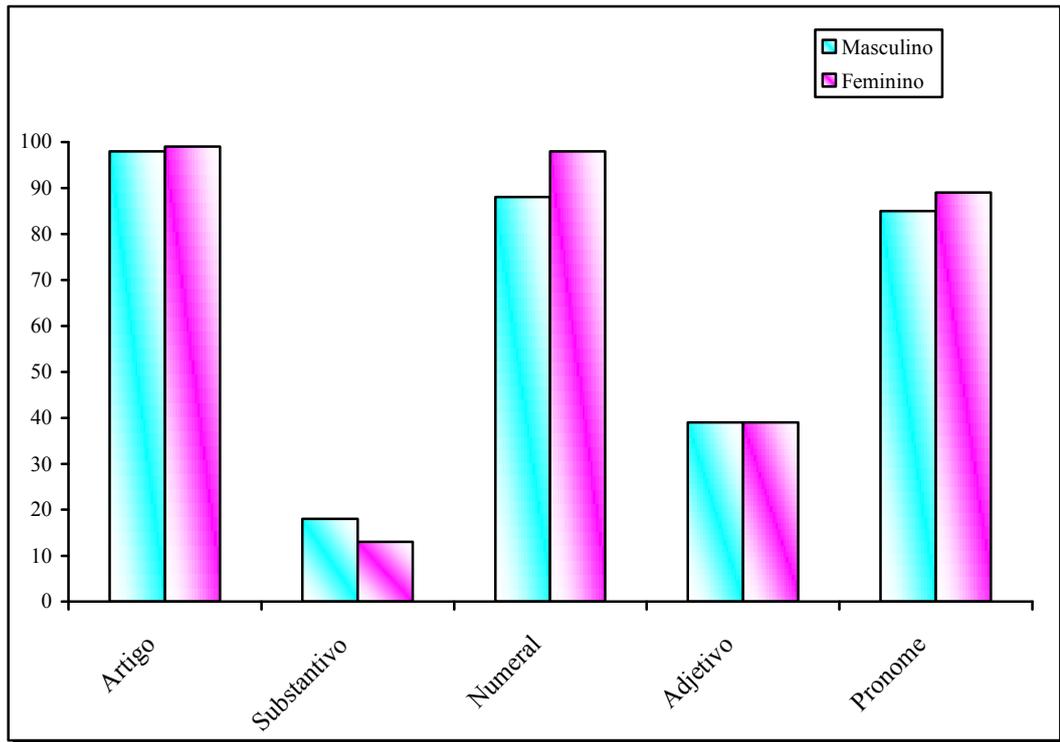


Gráfico 15 Presença de CN x sexo x classe gramatical

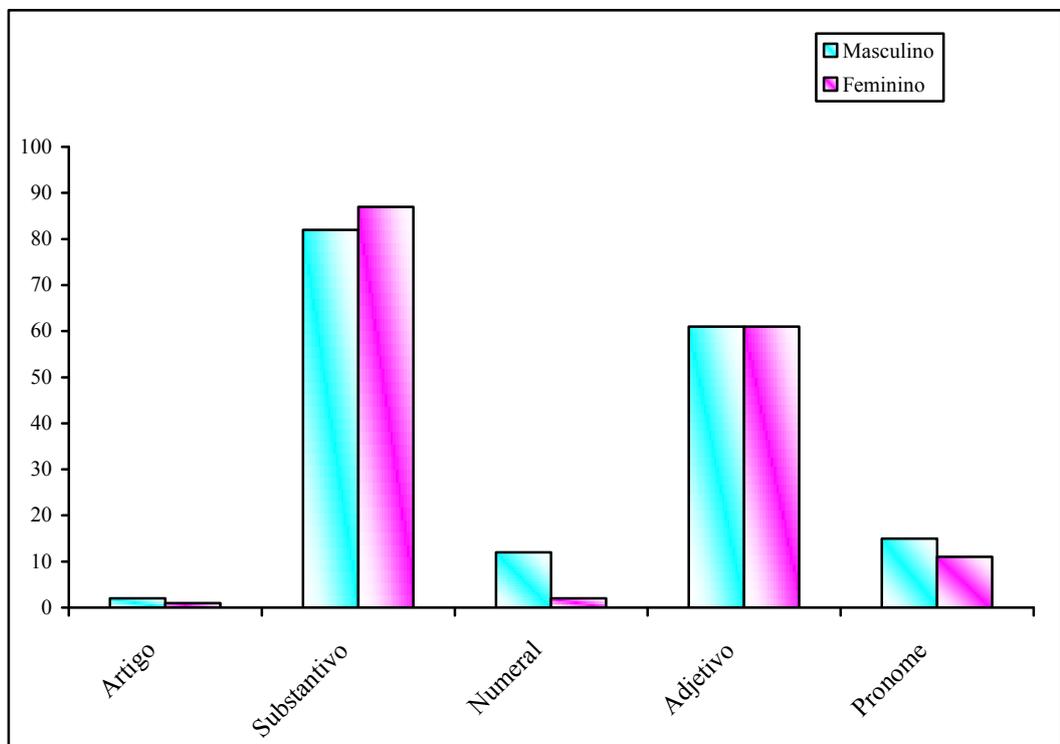


Gráfico 16 Ausência de CN x sexo x classe gramatical

Como já foi explicitado anteriormente, o artigo foi a classe gramatical que mais recebeu a marca de plural, uma vez que, entre os falantes masculinos, a presença da CN (98%) foi substancialmente mais alta que a ausência (2%), uma diferença percentual de 96%. Entre os femininos, houve um resultado semelhante: a diferença percentual foi de 98% (99% de presença, 1% de ausência).

O substantivo raramente recebeu marcas de plural. A diferença percentual entre os entrevistados masculinos que marcaram o plural nessa classe (18%) e os que não o fizeram (82%) foi de 64%, altamente relevante. Entre os do sexo feminino, a diferença percentual entre os que fizeram a CN (13%) e os que não a fizeram (87%) foi de 64%, também relevante.

Quanto ao numeral, a diferença percentual entre os falantes do sexo masculino que fizeram a concordância (88%) e os que não a fizeram (12%) foi de 76%, altamente relevante; entre os do sexo feminino, 98% fizeram a concordância e 2% não a fizeram. Isso quer dizer que os falantes usam mais a concordância do que deixam de fazê-lo.

A colocação da marca de plural no adjetivo teve a menor ocorrência no *corpus* e, quando apareceu, foi como reiteração, ou seja, foi o uso previsto pela norma culta.

Embora a pluralização no pronome não tenha sido o dado mais freqüente, quando apareceu, houve mais presença de CN (85%) do que ausência (15%), no grupo do sexo masculino; no feminino, houve 89% de presença de CN e 11% de ausência; a diferença percentual manteve-se relevante (78%).

3.4.5 Sexo x estrutura do sintagma

A tabela 2 apresenta o cruzamento da presença e ausência de CN com sexo e com estrutura do sintagma.

Tabela 2 - Sexo x estruturas sintagmáticas

	Masculino				Feminino			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%
(7) DET N	339	55	282	45	523	56	428	44
(2) DET A N	62	61	40	39	60	68	28	32
(5) Ø A N	25	74	9	26	61	53	55	47
(9) DET N SPREP	24	52	22	48	54	59	38	41
(3) DET N A	37	37	62	63	47	41	68	59
(4)Det A N A	2	50	2	50	4	50	4	50
(6)Ø N	7	88	1	13	2	50	2	50
(8) Ø N SPrep	3	60	2	40	3	75	1	25
(B)Det A A N A	0	0	0	0	8	80	2	20
(C)Ø A A N	4	67	2	33	2	67	1	33
(D)Det N A A	4	27	11	73	21	47	24	53
(G)Det A N Sprep	5	71	2	29	1	33	2	67
(H)Det [N] A	2	50	2	50	1	50	1	50
(I)Ø A N A A	3	75	1	25	2	50	2	50
(J)Ø N A	11	79	3	21	0	0	0	0
(K)Ø A N A	2	67	1	33	0	0	0	0

Na estrutura sintagmática Det N, entre os entrevistados masculinos, não houve diferença percentual significativa entre os que fizeram (55%) e os que não fizeram a CN (45%).

A estrutura sintagmática Det A N foi a segunda em ocorrência no *corpus*. Entre os entrevistados masculinos, a diferença percentual entre os que fizeram a CN nessa estrutura sintagmática (61%) e os que não a fizeram (39%), foi de 22%, altamente relevante, ou seja, os entrevistados tenderam a usar a marca de pluralização. Entre os entrevistados femininos, a diferença percentual foi ainda maior (36%). Portanto, as mulheres tenderam a usar a CN (68%) mais do que não o fazer (32%). Assim, houve uma tendência maior de uso da CN entre os informantes femininos, resultados que estão de acordo com os encontrados por Scherre (1988).

Na estrutura sintagmática Ø A N, entre os informantes masculinos, a diferença percentual entre os que fizeram a CN nessa estrutura sintagmática (74%) e os que não a fizeram (26%), foi de 48%, portanto, relevante. No grupo feminino, a diferença percentual foi

irrelevante (6%). Portanto, nesta categoria, o sexo foi significativo na determinação do uso/não uso da CN.

Na estrutura sintagmática Det N Sprep, somente nos informantes femininos, a diferença percentual foi de 18%, portanto, relevante, o que significa que a tendência maior foi a de usar a CN (59%) do que a de não o fazer (41%). Assim, embora o sexo pareça não ter influência sobre essa categoria, houve uma tendência maior de uso da CN nos informantes femininos.

Na estrutura sintagmática Det N A, a ausência de CN predominou sobre a presença. Nos falantes masculinos, a diferença percentual entre os que não fizeram a CN (63%) e os que a fizeram (37%) é de 26%, portanto, significativa. Nos falantes femininos, também predominou a ausência de CN (59%) sobre a presença (41%), com uma diferença percentual de 18%, também significativa. As demais estruturas sintagmáticas tiveram uma frequência muito baixa.

3.5 Faixa etária

Nesta seção, a variante faixa etária será cruzada com saliência fônica, posição linear, classe gramatical e estrutura sintagmática, conforme foi feito com as anteriores.

3.5.1 Faixa etária x saliência fônica

Os gráficos 20 e 21 apresentam respectivamente, os resultados do cruzamento de presença e ausência de CN com faixa etária e com saliência fônica.

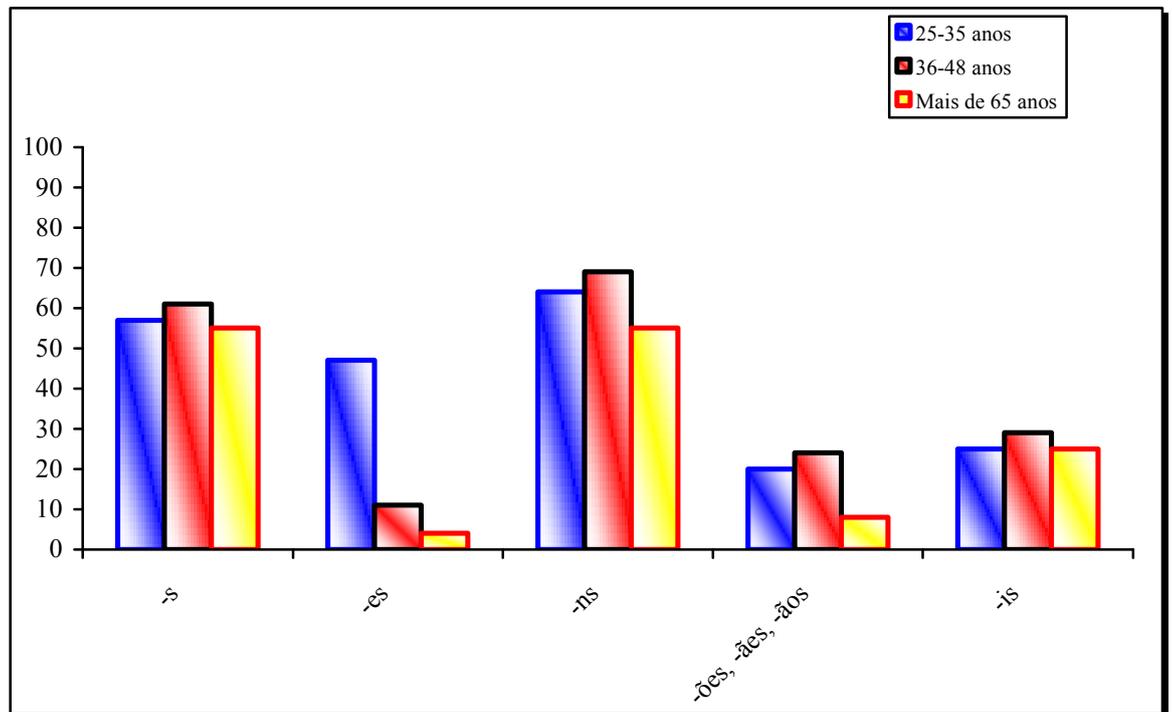


Gráfico 17 Presença de CN x faixa etária x saliência fônica

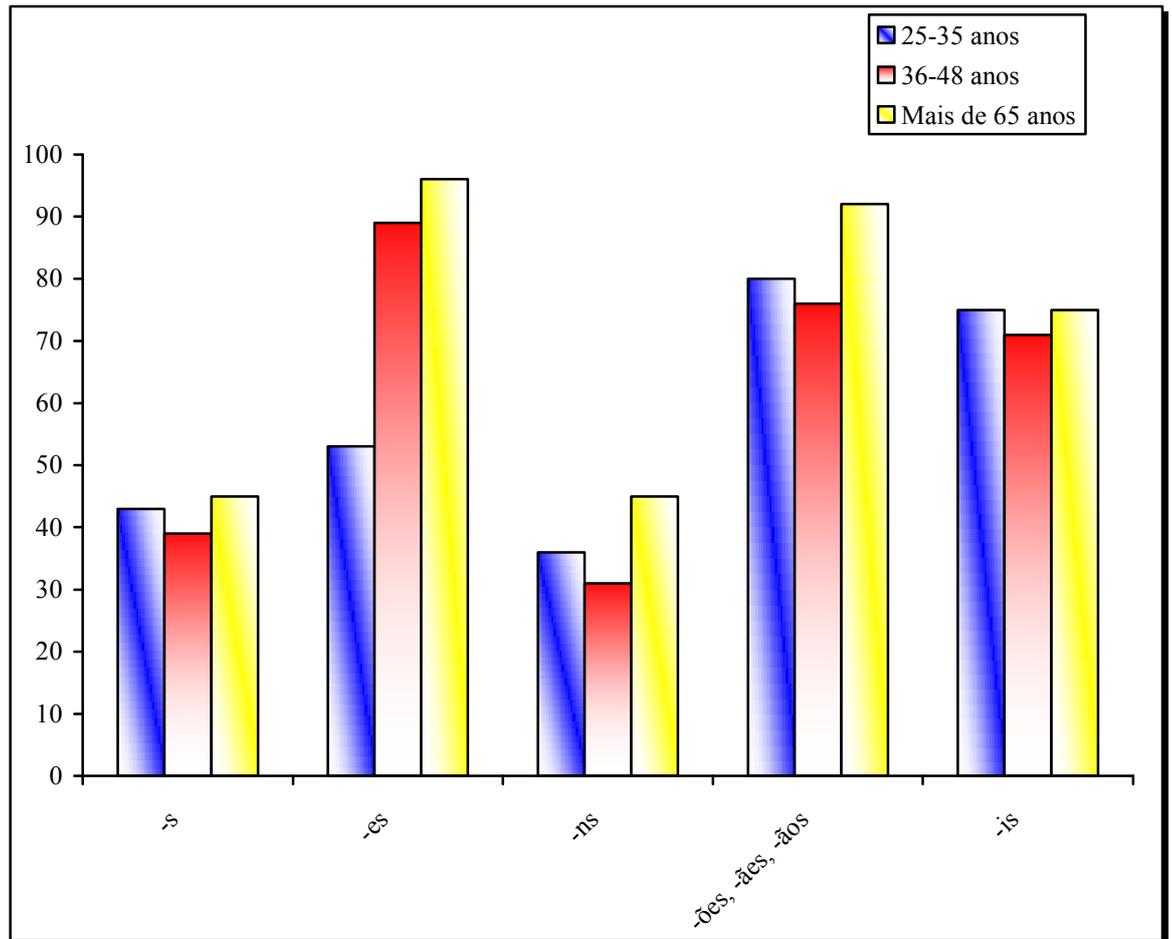


Gráfico 18 Ausência de CN x faixa etária x saliência fônica

Como se pode verificar pelos gráficos 17 e 18, nas três faixas etárias, os tipos de plural predominantes foram em *-s* e em *-ns*. Nos demais tipos, predominou a ausência de CN.

Na faixa etária de 25 a 35 anos, a diferença percentual entre o uso (57%) e o não uso do plural em *-s* (43%) foi de 14%, portanto, relevante. Ou seja, os mais jovens fizeram o plural em *-s* mais do que deixaram de fazê-lo. Nos falantes de faixa etária de 36-48 anos, a diferença percentual foi maior (22%), uma vez que 61% dos informantes fizeram o plural e 39% deixaram de fazê-lo. Na faixa etária de mais de 65 anos, a diferença percentual foi irrelevante.

Quanto ao plural em *-es*, a diferença percentual entre a presença e a ausência de CN foi relevante nas faixas etárias de 36 a 48 anos e mais de 65 anos. Na faixa etária de 36-48 anos, a diferença percentual foi significativa (78%), uma vez que 11% dos informantes fizeram o plural e 89% deixaram de fazê-lo. Na faixa etária de mais de 65 anos, a diferença foi de 92% entre os que fizeram o plural (4%) e os que não fizeram (96%), portanto, altamente relevante, atingindo quase a totalidade de ausência de plural em *-es*. Ocorreu uma queda significativa na presença do plural em *-es*, à medida que a faixa etária aumentou. Assim, a faixa etária foi extremamente relevante para essa categoria.

Quanto ao plural em *-ns*, na faixa etária de 25 a 35 anos, a diferença percentual entre os que usaram o plural em *-ns* (64%) e os que não o usaram (36%) foi de 28%, bastante relevante. Na faixa etária de 36-48 anos, a diferença entre os que usaram o plural em *-ns* (69%) e os que não o fizeram (31%) foi de 38%, apresentando uma tendência maior ao uso do plural do que ao seu não uso. Na faixa etária de mais de 65 anos, a diferença percentual foi de apenas 10%, portanto, irrelevante.

Os morfemas *-ões*, *-ães*, *-ãos* foram pouco utilizados pelos entrevistados. Entre os informantes da faixa etária de 25-35 anos, a diferença percentual entre os que usaram o plural (20%) e os que não o fizeram (80%) foi de 60%, altamente relevante. Ou seja, os mais jovens deixaram de fazer a CN em maior número. Entre os da faixa etária de 36-48 anos, 24% usaram o plural e 76% não o fizeram, uma diferença percentual de 52%, altamente significativa. Na terceira faixa, 8% fizeram a CN e 92% deixaram de fazê-lo, uma diferença percentual de 84%.

No que diz respeito ao plural em *-is*, entre os entrevistados da faixa etária de 25-35 anos, a diferença percentual entre os que usaram o plural em *-is* (25%) e os que não o fizeram (75%) foi de 50%, altamente significativa. Na faixa etária 36-48 anos, a diferença percentual entre os que fizeram o plural em *-is* (29%) e os que não o fizeram (71%) foi de 42%, também

significativa. Na faixa etária com mais de 65 anos, o resultado foi idêntico ao dos falantes da faixa etária de 25-35 anos, com uma diferença percentual de 50%.

3.5.2 Faixa etária x posição linear

Os gráficos 19 e 20 apresentam os resultados do cruzamento de presença e ausência CN com faixa etária e com posição linear.

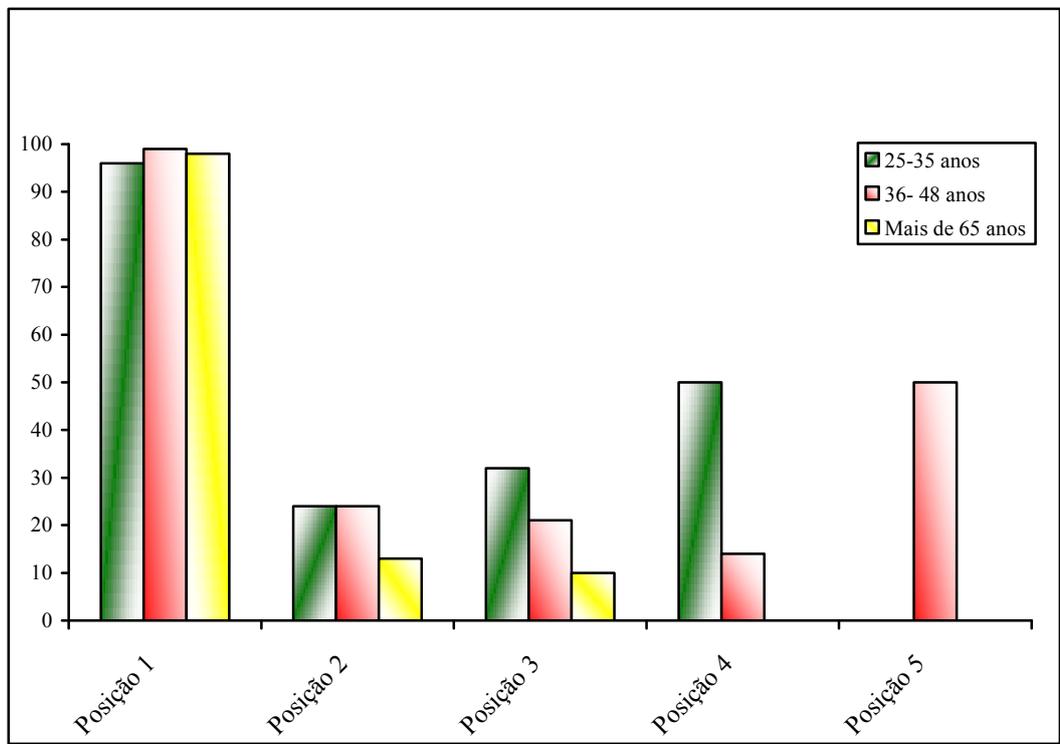


Gráfico 19 Presença de CN x Faixa etária x posição linear

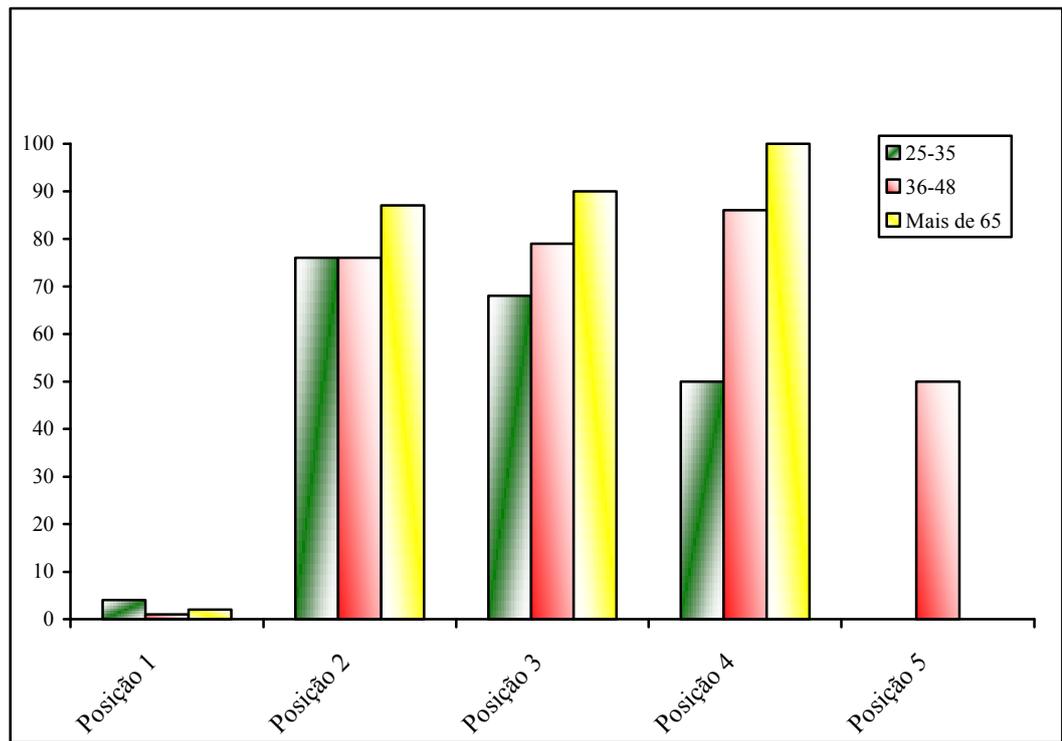


Gráfico 20 Ausência de CN x Faixa etária x posição linear

Os gráficos 19 e 20 permitem verificar que a posição 1 foi a mais significativa quanto ao uso de CN. Nas três faixas etárias, a diferença percentual entre os que fizeram a CN e os que não a fizeram foi altamente significativa, ou seja, mais de 90%. A posição 5 foi a menos significativa, uma vez que só houve ocorrência de dados na faixa etária de mais 36-48 anos.

O plural feito em palavras na posição 2 foi bem menos freqüente que na posição 1. Os gráficos mostram, mais uma vez, que, quando a palavra está na posição 2, é flagrante a ausência de concordância ou de marcas de plural.

Na terceira posição, ocorreu muito mais ausência de CN do que a presença. Entre os falantes da faixa etária de 25-35 anos, a diferença percentual entre os que usaram a CN (32%) e os que não o fizeram (68%) foi de 36%, portanto, altamente significativa, ou seja, nesta posição linear, a tendência foi de não fazer a concordância. Entre os da faixa etária de 36-48 anos, a diferença percentual foi ligeiramente maior (58%) entre os que usaram a CN (21%) e os que não a usaram (79%). Ainda assim, é uma diferença altamente relevante. Na faixa etária

de mais de 65 anos, a diferença percentual foi ainda maior (80%), entre os 10% que fizeram a concordância e os 90% que não a fizeram.

Na posição 4, houve mais presença de CN entre os falantes de 36-48 anos e, na posição 5, só ocorreu presença de CN entre os falantes de 36-48 anos.

3.5.3 Faixa etária x classe gramatical

O gráficos 21 e 22 apresentam os resultados do cruzamento de presença e ausência de CN com faixa etária e com a classe gramatical dos elementos do SN.

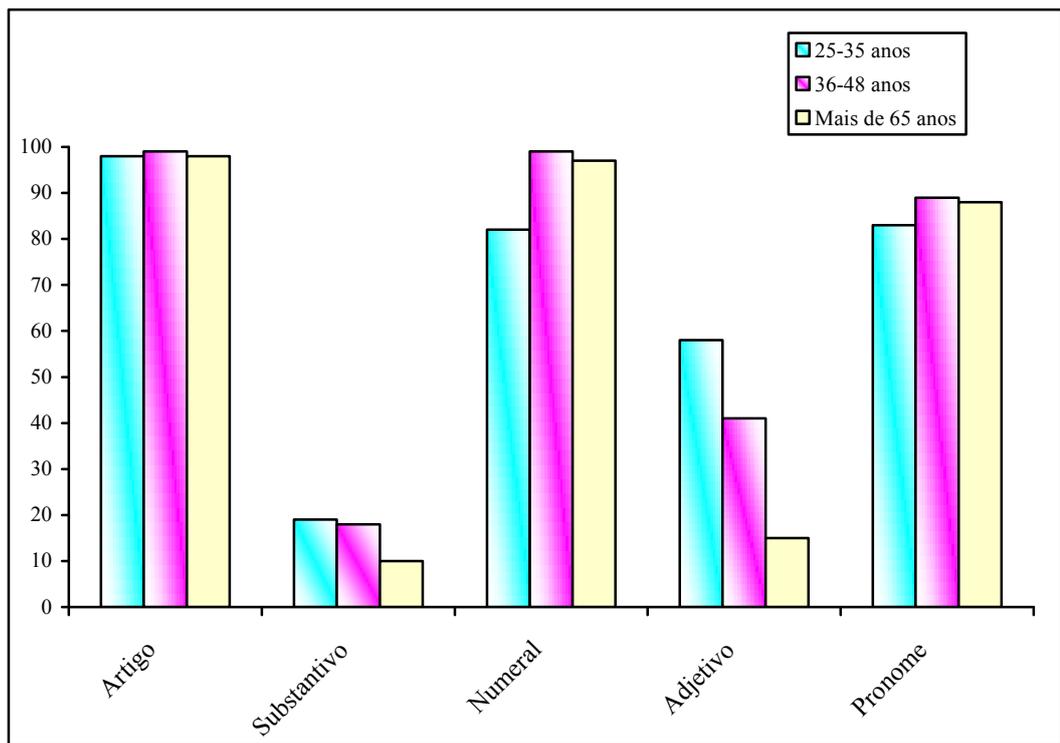


Gráfico 21 Presença de CN x faixa etária x classe gramatical

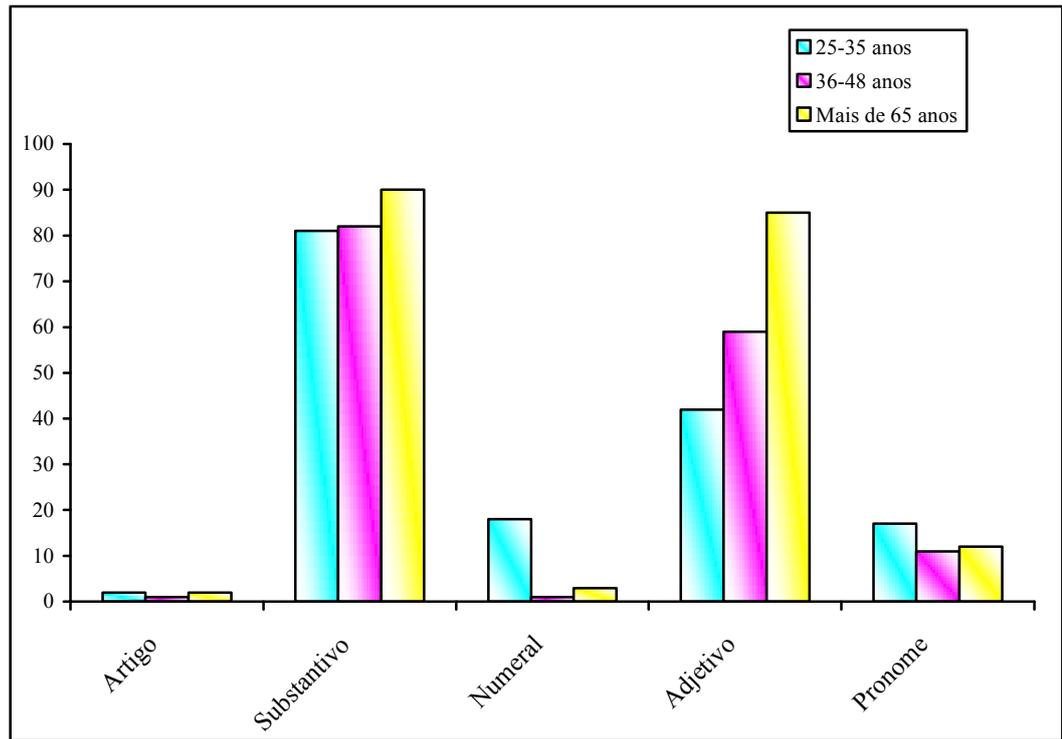


Gráfico 22 Ausência de CN x faixa etária x classe gramatical

Os gráficos mostram que o artigo, o numeral e o pronome foram as classes gramaticais que mais receberam a marca de plural; no substantivo e no adjetivo, predominou a ausência de CN

Nos falantes da faixa etária de 25-35 anos, a presença da CN (98%) foi substancialmente mais alta que a ausência (2%); na faixa etária de 36-48 anos, também a presença foi quase total (99%) e, na faixa etária de mais de 65 anos, a presença foi também maciça (98%). Mais uma vez, o artigo foi a classe gramatical em que a presença da CN foi mais freqüente.

No que diz respeito à classe dos substantivos, a diferença percentual entre os entrevistados da faixa etária de 25-35 anos que marcaram o plural nessa classe (19%) e os que não o fizeram (81%) foi de 62%, altamente relevante; nos falantes da faixa etária de 36-48 anos, a diferença percentual entre os que usaram a CN (18%) e os que não a usaram (82%) foi de 64%; e entre os da faixa etária de mais de 65 anos, a diferença percentual foi de 80% entre os 10% que usaram a CN e os 90% que não a usaram.

No que concerne ao numeral, a diferença percentual entre os falantes de 25 a 35 anos que fizeram a concordância (82%) e os que não a fizeram (18%) foi de 64%, altamente relevante; entre os de 36-48 anos, 99% fizeram a concordância e 1% não a fizeram. E entre os de mais de 65 anos, 97% fizeram a CN e 3% não a fizeram. Isso quer dizer que os falantes usam mais a concordância do que deixam de fazê-lo, na classe dos numerais.

A colocação da marca de plural no adjetivo teve a menor ocorrência no *corpus* e, quando apareceu, foi como reiteração da marca de plural, ou seja, foi o uso previsto pela norma culta.

Embora a pluralização no pronome não tenha sido o dado mais freqüente, quando ocorreu, houve mais presença de CN (83%) do que ausência (17%), entre os falantes de 25-35 anos; nos de 36-48 anos, houve 89% de presença de CN e 11% de ausência; entre os de mais de 65 anos, 88% fizeram a CN e 12% não a fizeram. Nas três faixas etárias, a diferença percentual foi relevante.

3.5.4 Faixa etária x estrutura do sintagma

A tabela 3 apresenta os resultados do cruzamento da presença de CN com faixa etária e com estrutura do sintagma

Tabela 3 Faixa etária x estrutura do sintagma

	25-35 anos		36-48 anos		+ 65 anos	
	f	%	f	%	f	%
Presença de CN						
(7) DET N	296	55	241	57	325	54
(2) DET A N	33	60	51	66	38	66
(5) Ø A N	22	69	25	58	39	52
(9) DET N SPREP	28	52	27	61	23	58
(3) DET N A	29	40	24	47	31	34
(A) A N	28	67	21	55	3	75
(4)Det A N A	0	0	6	50	0	0
(6)Ø N	6	67	2	100	1	100
(8) Ø N SPrep	4	67	1	100	1	50
(B)Det A A N A	0	0	8	80	0	0
(C)Ø A A N	2	67	4	67	0	0
(D)Det N A A	3	43	7	50	15	38
(G)Det A N Sprep	4	57	2	67	0	0
(H)Det [N] A	2	50	1	50	0	0
(I)Ø A N A A	5	63	0	0	0	0
(J)Ø N A	11	79	0	0	0	0
(K)Ø A N A	0	0	2	67	0	0

A tabela evidencia que a estrutura sintagmática com ocorrência mais alta foi DET N, nas três faixas etárias e a de frequência mais baixa foi Ø A N A.

Na estrutura sintagmática Det N, somente na faixa etária de 36-48 anos, a diferença percentual foi significativa (14%), porque 57% fizeram a CN e 43% não a fizeram. Essa foi a categoria que teve maior número de ocorrências: 1562 em 2491 dados.

Na estrutura sintagmática Det A N, nos entrevistados de 25-35 anos, a diferença percentual entre os que fizeram a CN nessa estrutura sintagmática (60%) e os que não a fizeram (40%), foi de 20%, altamente relevante, ou seja, os entrevistados tenderam a usar a marca de pluralização. Entre os entrevistados de 36-48 anos, a diferença percentual foi ainda maior (32%): a tendência maior foi a de usar a CN (66%) do que a de não o fazer (34%). Nos entrevistados de mais de 65 anos, os resultados foram idênticos aos de 36-48 anos.

Na estrutura sintagmática Ø A N, nos informantes da 25-35 anos, a diferença percentual entre os que fizeram a CN nessa estrutura sintagmática (69%) e os que não a fizeram (31%), foi de 38%, portanto, relevante. Nos de 36-48 anos, a diferença percentual

também foi relevante (16%). E nos de mais de 65 anos, a diferença percentual foi irrelevante. Ou seja, falantes da primeira faixa e da segunda usaram mais a concordância que os da terceira.

Na estrutura sintagmática Det N Sprep, a diferença percentual foi irrelevante entre os entrevistados da faixa etária de 25-35 anos e relevante nas duas outras: nos de 36-48 anos, a diferença percentual foi de 22% e nos de mais de 65 anos, foi de 15%.

A estrutura sintagmática Det N A foi a categoria em que a ausência de CN predominou sobre a presença. Nos falantes de 25-35 anos, a diferença percentual entre os que não fizeram a CN (60%) e os que a fizeram (40%) é de 20%, portanto, significativa. Nos falantes da segunda faixa etária, a diferença percentual foi irrelevante e, nos de mais de 65 anos, foi de 22%, com predominância de ausência de CN. Assim, percebe-se que a tendência nas três faixas foi de não usar a CN nesta estrutura sintagmática.

3.6 Saliência fônica

O cruzamento entre a saliência fônica e a posição linear mostrou que o plural em *-s* e a posição 1 foram as categorias que mais favoreceram a presença da CN. Na posição 1, o plural em *-s* ocorre quase na totalidade das vezes (98%), o que, mais uma vez, confirma a quarta hipótese desta pesquisa, de que a primeira posição favorece a retenção do *-s*. Na posição 2, o plural em *-s* quase nunca ocorre (20% usaram a CN e 80% não a usaram), uma vez que a diferença percentual foi de 60%. Apesar de, na posição 3, ter havido poucas ocorrências (menos de 10% do *corpus*), a diferença percentual foi significativa, (58%); isso significa que, nessa posição, a tendência é não usar a CN. Nas demais posições e categorias de saliência fônica (plurais em *-es, ns, ões, ães, ãos* e *is*), a frequência foi muito baixa.

Quando se cruzou a saliência fônica com a classe gramatical, o único resultado significativo de presença de CN foi o do artigo com o plural em *-s*, que confirma, ainda uma vez, a quarta e a quinta hipóteses desta pesquisa. O artigo foi a classe gramatical que mais reteve o plural em *-s*. Houve quase totalidade de uso da CN (99%) nesta categoria. Também na classe dos numerais, a tendência foi de usar a CN. Quanto ao substantivo, ao adjetivo e ao pronome, a tendência foi a de não ocorrer a CN (86%).

O cruzamento da saliência fônica com a estrutura sintagmática mostrou que o plural em *-s* mais apareceu foi na estrutura DET N ou seja, um determinante e um núcleo (58% de presença de CN e 42% de ausência, diferença percentual de 16%). As demais categorias de saliência fônica não foram significativas, no cruzamento com a estrutura sintagmática.

3.7 Posição linear

No cruzamento da posição linear com a classe gramatical, os dados mais relevantes foram que, na primeira posição, o artigo teve mais ocorrências de CN (98% de presença de CN e 2% de ausência), o que confirma os dados anteriores e ratifica a quinta hipótese de pesquisa. Na posição 2, a maioria absoluta dos dados é para a ausência de CN com o substantivo (1023 dados, 13% de presença de CN e 87% de ausência). Nos demais casos, a frequência foi muito baixa.

O cruzamento da posição linear com a estrutura do sintagma evidenciou que a estrutura mais significativa quando cruzada com a posição 1 foi DET N com 98% de presença da CN e 2% de ausência. Na posição 2, houve 13% de presença de CN e 87% de ausência, ou seja, confirmou-se, mais uma vez, que, nesta posição, a tendência é não se fazer a CN. Nas demais estruturas sintagmáticas cruzadas com as posições, as frequências foram muito baixas.

3.8 Classe gramatical

Quando se cruzou a classe gramatical com a estrutura sintagmática, os resultados significativos foi o de DET N com o artigo, numeral e pronome; predominou a ausência de CN nos substantivos e nos adjetivos.

Considerações finais

Após a análise dos dados e o cruzamento de todos os fatores, podem ser tecidas as seguintes considerações:

Os fatores extralingüísticos analisados foram o grau de escolaridade, sexo e faixa etária; e os lingüísticos foram saliência fônica, posição linear, classe gramatical e estrutura sintagmática.

Quanto à escolaridade, confirmou-se a primeira hipótese desta pesquisa, porque os falantes até segunda série fazem menos concordância que os de terceira e quarta séries.

Quando se cruzou a escolaridade com o sexo dos falantes, percebeu-se que as mulheres com terceira e quarta série usaram mais a CN do que deixaram de fazê-lo. Confirmou-se, portanto, a segunda hipótese de pesquisa, visto que os falantes do sexo feminino preocupam-se mais em fazer a CN que os do sexo masculino.

O cruzamento da escolaridade com a faixa etária mostrou que a escolaridade não teve influência nem entre os falantes mais jovens nem entre os mais velhos.

No que concerne à saliência fônica, foi comprovada a terceira hipótese de pesquisa: as marcas explícitas de plural ocorrem menos nos dados de forma binária (-saliente), como no plural em *-es* (*mulher-mulheres, pior-piores*) e em *-is* (*real-reais, material-materiais*).

Quanto à posição linear, comprovou-se a quarta hipótese, uma vez que a primeira posição da marca de plural favoreceu a retenção do *-s* em todos os cruzamentos feitos. Essa constatação ratifica a afirmação de Scherre (1988).

Em se tratando da classe gramatical dos elementos formadores do SN, em todos os cruzamentos feitos, o artigo foi o que mais recebeu a marca de plural (*os menino tudo; umas muié*), o que confirma a quinta hipótese de pesquisa, até porque, na Língua Portuguesa, o artigo é sempre a primeira posição do SN. Assim, a quarta e a quinta hipóteses estão, de certa

forma, imbricadas, embora haja SN em que a primeira posição não é de artigo (ex.: *tantas bênção*) e, ainda assim, o plural é feito na primeira posição.

Nota-se nas falas dos entrevistados uma simplificação da estrutura gramatical, retirando os elementos menos relevantes para a comunicação emergencial. Como a CN é reiterativa na norma culta (os meninos novatos leram os livros doados nas escolas), a tendência da linguagem popular é colocar as marcas de plural onde acreditam que elas são mesmo necessárias (os *menino leu os livro doado nas escola*). Assim, o plural é realizado, mas sem as reiterações consideradas “desnecessárias”. Confirma-se, assim, a afirmação de Scherre (1998, p. 147), de que o falante comum considera um indicador formal ou semântico de plural em algum ponto do SN como suficiente para transmitir a idéia de pluralização.

Conforme esclarecido na introdução desta dissertação, os trabalhos de Braga (1977) e Scherre (1988) serviram de base teórica e suas afirmações foram confirmadas nesta pesquisa.

O assunto Concordância Nominal não se esgota nesta pesquisa. Outras investigações podem ser feitas, principalmente a respeito dos casos especiais, que não foram estudados, ou da CN no discurso jornalístico e em outras situações que venham enriquecer os conhecimentos sobre o assunto.

Apesar das limitações próprias de uma pesquisa acadêmica, esperamos poder contribuir para os estudos lingüísticos, sobretudo para que se compreenda melhor o processo de CN no Português.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Leila Minatti. **Rupturas e contínuos na concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão(SC) e São Borja(RS)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRAGA, Maria Luiza. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: PUC, 1977.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.

CARVALHO, Raimunda Coelho de. **A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Campinas: Unicamp, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. O problema dos Níveis de Fala. **Revista de Cultura**. Petrópolis: Vozes, v. 67, n. 8, p.627-632, 1973.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of Syntax**. Massachusetts: The MIT Press Cambridge, 1965.

CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: MEC, 1972.

JACKENDOFF, Ray. **X-bar syntax: a study of phrase structure**. Cambridge: MASS., MIT Press, 1977.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Resolving the neogrammarian controversy**. *Language*, n. 57, p. 267-308, 1981.

_____. **Principios del cambio lingüístico: factores internos**. Madrid: Gredos, 1996.

LEMLE, Miriam. **Análise Sintática** (Teoria geral e descrição do Português). São Paulo: Ática, 1984.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências Básicas de Português**. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1977.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza.; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____ (org.). Introdução à Sociolingüística Variacionista. **Cadernos didáticos**. Rio de Janeiro: UFRJ. 1992.

_____ (Org.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NINA, Terezinha. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na microrregião de Bragantina**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) 1980, PUC, Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Joseane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras UFRJ, 2006.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle M.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

PALACÍN, Luís. **História de Goiás**. 5. ed. Goiânia: UCG, 1989.

_____. **O século do ouro em Goiás**. Goiânia: UCG, 1994.

PAIVA & DUARTE. Introdução: a mudança lingüística em curso. In: PAIVA. **Mudança Lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1995.

PONTE, V. M. L.. **A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Lingüística), PUC, Rio Grande do Sul, 1979.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SANTOS, Tânia Ferreira Rezende. **Aspectos morfossintáticos variáveis no Português Brasileiro: crioulização, mudança natural ou reelaboração sociocultural?** Projeto de Pesquisa. Goiânia: UFG, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Izidoro Blikstein *et al.* São Paulo: Cultrix, 1966.

SCHERRE, Maria Marta Pereira **Reanálise da concordância de número em Português**. 1988. Tese (Doutorado em Lingüística)-UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

_____. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em Português**. 1978. Dissertação (Mestrado em Letras) PUC, Rio de Janeiro, 1978.

_____. Sobre a saliência fônica na concordância nominal em Português. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. São Paulo: Pontes, 1989. p. 301-32.

_____. Aspectos da concordância de número no Português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)**. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Os usos do até na língua falada da cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade federal de Goiás, Goiânia, 2005.

TARALLO, Fernando. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1986.

_____. **A pesquisa sociolingüística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. KATO, M. A *et al.* Rupturas na Ordem de Adjacência Canônica no Português Falado. 1989, In: Castilho, A. T. (org.) **Gramática do Português Falado**, Volume I: A Ordem. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p. 31-62, 1990.

WAGNER, Nalgis de Fátima. **Textos orais de informantes caboclos de Caçador (SC): variação diatópica e diastrática**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN; MALKIEL (Eds.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

Anexos

Anexo 1: Tabelas

Tabela 4 Distribuição das variantes

		Ocorrências		Não-ocorrências		Total
f	%	f	%	f	%	
1.120	45	1.371	55			2491

Tabela 5 Presença e ausência de CN x escolaridade

	Até 2ª série		3ª e 4ª séries		Total
	f	%	f	%	
Presença de CN	681	53	690	57	1371
Ausência de CN	593	47	527	43	1120
Total	1274	100	1217	100	2491

Tabela 6 Presença ou ausência de CN x escolaridade x sexo

	Até 2ª série				3ª e 4ª séries				Total
	M		F		M		F		f
	f	%	f	%	f	%	f	%	
Presença de CN	338	55	343	52	228	55	462	57	1371
Ausência de CN	281	45	312	48	183	45	344	43	1120
Total	619	100	655	100	411	100	806	100	2491

Tabela 7 Presença ou ausência de CN x escolaridade x faixa etária

	Até 2ª série						3ª e 4ª séries						Total
	25-35		36-48		+ de 65		25-35		36-48		+ de 65		f
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
Presença de CN	235	55	0	0	446	53	238	55	422	58	30	51	1371
Ausência de CN	189	45	1	100	403	47	194	45	304	42	29	49	1120
Total	424	100	1	100	849	100	432	100	726	100	59	100	2491

Tabela 8 -Escolaridade x saliência fônica

Saliência fônica	Até 2ª série				3ª e 4ª séries			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Plural em -s	630	55	511	45	641	59	441	41
Plural em -es	8	19	35	81	9	30	21	70
Plural em -ns	37	63	22	37	36	62	16	38
Plural em -ão, -ões,-aões	4	16	21	84	11	22	39	78
Plural em -is	2	33	4	67	3	23	10	77
Total	681		593		700		527	

Tabela 9 Presença de CN x escolaridade x posição linear

	Até 2ªsérie		3ª e 4ª séries		Total
	f	%	f	%	f
Posição 1	559	97	536	98	1095
Posição 2	99	17	127	22	226
Posição 3	21	19	25	27	46
Posição 4	2	18	1	11	3
Posição 5	0	0	1	50	1
Totais	681		690		1371

Tabela 10 Ausência de CN x escolaridade x posição linear

	Até 2ªsérie		3ª e 4ª séries		Total
	f	%	f	%	f
Posição 1	19	3	9	2	28
Posição 2	477	82	440	78	917
Posição 3	88	81	69	73	157
Posição 4	9	82	8	89	17
Posição 5	0	0	1	50	1
Totais	593		527		1120

Tabela 11 Presença de CN x escolaridade x classe gramatical

	Até 2ªsérie		3ª e 4ª séries		Total
	f	%	f	%	f
Artigo	286	98	298	99	584
Substantivo	83	14	92	16	175
Numeral	147	89	163	98	310
Adjetivo	26	35	22	45	48
Pronome	139	87	115	88	254
Totais	681		690		1371

Tabela 12 - Ausência de CN x escolaridade x classe gramatical

	Não escolarizados até 2ªsérie		3ª e 4ª séries		Total
	f	%	f	%	f
Artigo	6	2	3	1	9
Substantivo	500	86	478	84	978
Numeral	18	11	3	2	21
Adjetivo	48	65	27	55	75
Pronome	21	13	16	12	37
Totais	593		527		1120

Tabela 13 Presença ou ausência de CN x sexo dos falantes

	Masculino		Feminino		Total
	f	%	f	%	
Presença de CN	566	55	805	55	1371
Ausência de CN	464	45	656	45	1120
Total	1030		1461		2491

Tabela 14 Sexo x faixa etária

	Masculino						Feminino						Total
	25-35		36-48		+ de 65		25-35		36-48		+ de 65		
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
Presença de CN	235	55	198	56	133	53	238	55	224	60	343	52	1371
Ausência de CN	189	45	155	44	120	47	194	45	150	40	312	48	1120
Total	424	100	353	100	253	100	432	100	374	100	655	100	2491

Tabela 15 Sexo x saliência fônica

Saliência fônica	Masculino				Feminino			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Plural em -s	522	57	387	43	759	57	565	43
Plural em -es	7	18	33	83	10	30	23	70
Plural em -ns	37	73	14	27	26	52	24	48
Plural em -ão, -ões, -aões	8	25	24	75	7	16	36	84
Plural em -is	2	25	6	75	3	27	8	73
Total	566		464		805		656	

Tabela 16 Sexo e posição linear

Posição Linear	Masculino				Feminino			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Posição 1	445	96	19	4	650	99	9	1
Posição 2	101	22	362	78	125	18	555	82
Posição 3	18	19	79	81	28	26	78	74
Posição 4	2	33	4	67	1	7	13	93
Posição 5	0	0	0	0	1	50	1	50
Total	566		464		805		656	

Tabela 17 Sexo x classe gramatical

Classe gramatical	Masculino				Feminino			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Artigo	242	98	6	2	342	99	3	1
Substantivo	84	18	389	82	91	13	589	87
Numeral	126	88	17	12	184	98	4	2
Adjetivo	23	39	36	61	25	39	39	61
Pronome	91	85	16	15	163	89	21	11
Total	566		464		805		656	

Tabela 18 Faixa etária e saliência fônica

Saliência fônica	25-35 anos				36-48 anos				Mais de 65 anos			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Plural em -s	427	57	327	43	389	61	247	39	455	55	378	45
Plural em -es	14	47	16	53	2	11	16	89	1	4	24	96
Plural em -ns	25	64	14	36	20	69	9	31	18	55	15	45
Plural em -ão, -ões, -aôs	5	20	20	80	9	24	28	76	1	8	12	92
Plural em -is	2	25	6	75	2	29	5	71	1	25	3	75
Total	473		383		422		305		476		432	

Tabela 19 Faixa etária e posição linear – Posição 1

Posição linear	25-35 anos				36-48 anos				Mais de 65 anos			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Posição 1	348	96	16	4	329	99	5	1	418	98	7	2
Posição 2	94	24	303	76	80	24	251	76	52	13	363	87
Posição 3	29	32	62	68	11	21	42	79	6	10	53	90
Posição 4	2	50	2	50	1	14	6	86	0	0	9	100
Posição 5	0	0	0	0	1	50	1	50	0	0	0	0
Total	473		383		422		305		476		432	

Tabela 20 -Faixa etária e classe gramatical

Posição linear	25-35 anos				36-48 anos				Mais de 65 anos			
	Presença		Ausência		Presença		Ausência		Presença		Ausência	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Artigo	233	98	5	2	161	99	1	1	190	98	3	2
Substantivo	75	19	328	81	60	18	274	82	40	10	376	90
Numeral	72	82	16	18	104	99	1	1	134	97	4	3
Adjetivo	29	58	21	42	13	41	19	59	6	15	35	85
Pronome	64	83	13	17	84	89	10	11	106	88	14	12
Total	473		383		422		305		476		432	

Tabela 21 Saliência fônica x posição linear

		Plural em -s		Plural em -es		Plural em -ns		Plural em -ões, -ães, -aôs		Plural em -is		Total f
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
		Posição 1	Presença	1035	98	0	0	58	92	2	100	
	Ausência	21	2	1	100	5	8	0	0	1	100	28
Posição 2	Presença	200	20	8	15	3	13	11	18	4	24	226
	Ausência	787	80	46	85	21	88	50	82	13	76	917
Posição 3	Presença	34	21	9	50	1	8	1	10	1	100	46
	Ausência	127	79	9	50	12	92	9	90	0	0	157
Posição 4	Presença	1	6	0	0	1	100	1	50	0	0	3
	Ausência	16	94	0	0	0	0	1	50	0	0	17
Posição 5	Presença	1	50	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Ausência	1	50	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total	Presença	1271	57	17	23	63	62	15	20	5	26	1371
	Ausência	952	43	56	77	38	38	60	80	14	74	1120
Total geral		2223		73		101		75		19		2491

Tabela 22 Saliência fônica x classe gramatical

		Plural em -s		Plural em -es		Plural em -ns		Plural em -ões,ães,ãos		Plural em -is		Total f
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
Artigo	Presença	532	99	0	0	52	96	0	0	0	0	584
	Ausência	7	1	0	0	2	4	0	0	0	0	9
Substantivo	Presença	138	14	15	22	3	11	15	20	4	22	175
	Ausência	827	86	53	78	24	89	60	80	14	78	978
Numeral	Presença	309	94	0	0	1	50	0	0	0	0	310
	Ausência	20	6	0	0	1	50	0	0	0	0	21
Adjetivo	Presença	41	40	2	40	4	29	0	0	1	100	48
	Ausência	62	60	3	60	10	71	0	0	0	0	75
Pronome	Presença	251	87	0	0	3	75	0	0	0	0	254
	Ausência	36	13	0	0	1	25	0	0	0	0	37
Semi-total	Presença	1271	57	17	23	63	62	15	20	5	26	1371
	Ausência	952	43	56	77	38	38	60	80	14	74	1120
Total geral		2223		73		101		75		19		2491

Tabela 23 Saliência fônica e estrutura do sintagma

		Plural em -s		Plural em -es		Plural em -ns		Plural em -ões,ães,ãos		Plural em -is		Total f
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
(7) DET N	Presença	818	58	10	19	27	55	3	9	4	22	862
	Ausência	592	42	42	81	22	45	30	91	14	78	700
(3) DET N A	Presença	73	39	0	0	8	47	2	33	1	100	84
	Ausência	112	61	5	100	9	53	4	67	0	0	130
(2) DET A N	Presença	101	64	3	43	18	95	0	0	0	0	122
	Ausência	58	36	4	57	1	5	5	100	0	0	68
(5) Ø AN	Presença	80	61	1	100	1	50	4	27	0	0	86
	Ausência	52	39	0	0	1	50	11	73	0	0	64
(9) DET N SPrep	Presença	74	59	0	0	3	60	1	17	0	0	78
	Ausência	52	41	1	100	2	40	5	83	0	0	60
(A) A N	Presença	47	63	1	50	3	75	1	33	0	0	52
	Ausência	28	37	1	50	1	25	2	67	0	0	32
(4) Det A N A	Presença	5	50	0	0	1	100	0	0	0	0	6
	Ausência	5	50	0	0	0	0	1	100	0	0	6
(6) Ø N	Presença	5	71	1	50	0	0	3	100	0	0	9
	Ausência	2	29	1	50	0	0	0	0	0	0	3
(8) Ø N SPrep	Presença	6	75	0	0	0	0	0	0	0	0	6
	Ausência	2	25	1	100	0	0	0	0	0	0	3
(B) Det A A N A	Presença	7	88	0	0	0	0	1	50	0	0	8
	Ausência	1	13	0	0	0	0	1	50	0	0	2
(C) Ø A A N	Presença	6	75	0	0	0	0	0	0	0	0	6
	Ausência	2	25	1	100	0	0	0	0	0	0	3
(D) Det N A A	Presença	25	42	0	0	0	0	0	0	0	0	25
	Ausência	34	58	0	0	1	100	0	0	0	0	35
(G) Det A N Sprep	Presença	4	50	0	0	2	100	0	0	0	0	6
	Ausência	4	50	0	0	0	0	0	0	0	0	4
(H) Det [N] A	Presença	3	60	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Ausência	2	40	0	0	1	100	0	0	0	0	3
(I) Ø A N A A	Presença	5	71	0	0	0	0	0	0	0	0	5
	Ausência	2	29	0	0	0	0	1	100	0	0	3
(J) Ø N A	Presença	10	77	1	100	0	0	0	0	0	0	11
	Ausência	3	23	0	0	0	0	0	0	0	0	3
(K) Ø A N A	Presença	2	67	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Ausência	1	33	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Semi-Total	Presença	1271	57	17	23	63	62	15	20	5	26	1371
	Ausência	952	43	56	77	38	38	60	80	14	74	1120
Total geral		2223		73		101		75		19		2491

Tabela 24 Posição linear x classe gramatical

		Posição 1		Posição 2		Posição 3		Posição 4		Posição 5		Total f
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
Artigo	Presença	583	98	0	0	1	100	0	0	0	0	584
	Ausência	9	2	0	0	0	0	0	0	0	0	9
Substantivo	Presença	11	69	135	13	26	24	3	75	0	0	175
	Ausência	5	31	888	87	84	76	1	25	0	0	978
Numeral	Presença	254	97	54	79	2	100	0	0	0	0	310
	Ausência	7	3	14	21	0	0	0	0	0	0	21
Adjetivo	Presença	19	100	14	70	14	21	0	0	1	50	48
	Ausência	0	0	6	30	52	79	16	100	1	50	75
Pronome	Presença	228	97	23	72	3	13	0	0	0	0	254
	Ausência	7	3	9	28	21	88	0	0	0	0	37
Semi-total	Presença	1095	98	226	20	46	23	3	15	1	50	1371
	Ausência	28	2	917	80	157	77	17	85	1	50	1120
Total geral		1123		1143		203		20		2		2491

Tabela 25 Posição linear x estrutura do sintagma

		Posição 1		Posição 2		Posição 3		Posição 4		Posição 5		Total f
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
(7) DET N	Presença	750	98	100	13	12	52	0	0	0	0	862
	Ausência	19	2	670	87	11	48	0	0	0	0	700
(3) DET N A	Presença	71	99	8	11	5	7	0	0	0	0	84
	Ausência	1	1	65	89	64	93	0	0	0	0	130
(2) DET A N	Presença	64	100	49	74	9	15	0	0	0	0	122
	Ausência	0	0	17	26	51	85	0	0	0	0	68
(5) Ø AN	Presença	64	96	17	23	5	56	0	0	0	0	86
	Ausência	3	4	57	77	4	44	0	0	0	0	64
(9) DET N SPrep	Presença	66	97	12	17	0	0	0	0	0	0	78
	Ausência	2	3	57	83	1	100	0	0	0	0	60
(A) A N	Presença	37	95	15	36	0	0	0	0	0	0	52
	Ausência	2	5	27	64	3	100	0	0	0	0	32
(4) Det A N A	Presença	3	100	3	100	0	0	0	0	0	0	6
	Ausência	0	0	0	0	3	100	3	100	0	0	6
(6) Ø N	Presença	6	86	3	60	0	0	0	0	0	0	9
	Ausência	1	14	2	40	0	0	0	0	0	0	3
(8) Ø N SPrep	Presença	4	100	2	50	0	0	0	0	0	0	6
	Ausência	0	0	2	50	1	100	0	0	0	0	3
(B) Det A A N A	Presença	2	100	2	100	2	100	1	50	1	50	8
	Ausência	0	0	0	0	0	0	1	50	1	50	2
(C) Ø A A N	Presença	3	100	3	100	0	0	0	0	0	0	6
	Ausência	0	0	0	0	3	100	0	0	0	0	3
(D) Det N A A	Presença	16	100	4	25	5	31	0	0	0	0	25
	Ausência	0	0	12	75	11	63	12	100	0	0	35
(G) Det A N Sprep	Presença	3	100	1	33	1	33	1	100	0	0	6
	Ausência	0	0	2	67	2	67	0	0	0	0	4
(H) Det [N] A	Presença	3	100	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Ausência	0	0	3	100	0	0	0	0	0	0	3
(I) Ø A N A A	Presença	2	100	0	0	2	100	1	50	0	0	5
	Ausência	0	0	2	100	0	0	1	50	0	0	3
(J) Ø N A	Presença	0	0	7	100	4	57	0	0	0	0	11
	Ausência	0	0	0	0	3	43	0	0	0	0	3
(K) Ø A N A	Presença	1	100	0	0	1	100	0	0	0	0	2
	Ausência	0	0	1	100	0	0	0	0	0	0	1
Semi-Total	Presença	1095	98	226	20	46	23	3	15	1	50	1371
	Ausência	28	2	917	80	157	77	17	85	1	50	1120
Total geral		1123		1143		203		20		2		2491

Tabela 26 Classe gramatical x estrutura do sintagma

		Artigo		Substantivo		Numeral		Adjetivo		Pronome		Total f
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
(7) DET N	Presença	408	99	99	13	241	96	6	100	108	96	862
	Ausência	10	4	679	87	6	1	0	0	5	4	700
(3)DET N A	Presença	39	98	6	8	15	88	5	10	19	53	84
	Ausência	2	12	66	92	1	3	44	90	17	47	130
(2)DET A N	Presença	61	100	10	16	31	84	6	55	14	78	122
	Ausência	0	0	53	84	6	16	5	45	4	22	68
(5) Ø AN	Presença	0	0	12	17	5	71	2	100	67	99	86
	Ausência	1	100	60	83	2	29	0	0	1	1	64
(9)DET N SPrep	Presença	48	98	11	16	8	89	1	100	10	91	78
	Ausência	1	2	57	84	1	11	0	0	1	9	60
(A) A N	Presença	2	100	13	31	0	0	13	93	24	92	52
	Ausência	0	0	29	69	0	0	1	7	2	8	32
(4)Det A N A	Presença	3	100	0	0	3	100	0	0	0	0	6
	Ausência	0	0	3	100	0	0	3	100	0	0	6
(6)Ø N	Presença	0	0	9	75	0	0	0	0	0	0	9
	Ausência	0	0	3	25	0	0	0	0	0	0	3
(8) Ø N SPrep	Presença	1	100	2	40	1	100	1	100	10	100	6
	Ausência	0	0	3	60	0	0	0	0	0	0	3
(B) Det A A N A	Presença	2	100	1	50	2	100	1	50	2	100	8
	Ausência	0	0	1	50	0	0	1	50	0	0	2
(C)Ø A A N	Presença	1	100	1	25	1	100	0	0	3	100	6
	Ausência	0	0	3	75	0	0	0	0	0	0	3
(D)Det N A A	Presença	13	100	3	19	1	100	6	27	2	25	25
	Ausência	0	0	13	81	0	0	16	73	6	75	35
(G)Det A N Sprep	Presença	4	100	1	33	1	100	0	0	0	0	6
	Ausência	0	0	2	67	0	0	1	100	1	100	4
(H)Det [N] A	Presença	2	100	0	0	0	0	0	0	1	100	3
	Ausência	0	0	2	100	0	0	1	100	0	0	3
(I)Ø A N A A	Presença	0	0	1	33	0	0	1	50	3	100	5
	Ausência	0	0	2	67	0	0	1	50	0	0	3
(J)Ø N A	Presença	0	0	6	86	0	0	5	71	0	0	11
	Ausência	0	0	1	14	0	0	2	29	0	0	3
(K)Ø A N A	Presença	0	0	0	0	1	100	1	100	0	0	2
	Ausência	0	0	1	100	0	0	0	0	0	0	1
Semi-Total	Presença	584	98	175	15	310	94	48	39	254	87	1371
	Ausência	9	2	978	85	21	6	75	61	37	13	1120
Total geral		593		1153		331		123		291		2491

Anexo 2 - Parecer da Comissão de Ética



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
Av. João Naves de Ávila, nº 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG -
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3238-4531

ANÁLISE FINAL Nº 373/07 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU: 236/07

Projeto Pesquisa: "O apagamento do plural em sintagmas nominais numa comunidade de fala da cidade de Goiás"

Pesquisador Responsável: Maura Alves de Freitas Rocha

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

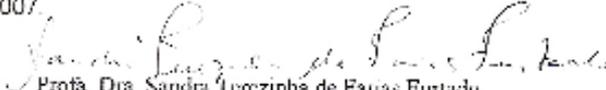
O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data para entrega do Relatório Final: julho/2008

SITUAÇÃO: PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO.

Uberlândia, 28 de setembro 2007.


Prof.ª Dra. Sandra Lucrezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador

(Para parecer Aprovado ou Aprovado com Recomendações)

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu estudo (Res. CNS 196/96 - item IV.1.1) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineado no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuação pelo CEP que o aprova (Res. CNS item III.3.e), aguardando seu parecer, exceto quando percebe risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando ocorrer a superioridade de regime em relação a um dos grupos da pesquisa (item V.2) que requerem ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem a razão/necessidade do estudo (Res. CNS item V.4). É papel do pesquisador assegurar medida imediata adequada frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - para o seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou coordenador deve enviá-las também a mesma, junto com a proposta aprovatória do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.c). O prazo para entrega do relatório é de 120 dias após o término de execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma da Res. 196/96 CNS.